



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III - GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

ANA MARIA FERREIRA DE ANDRADE

**ESTUDO ETNOBOTÂNICO E DIVERSIDADE DE USOS DE PLANTAS
MEDICINAIS EM COMUNIDADES RURAIS NO BREJO PARAIBANO, NORDESTE
DO BRASIL**

**GUARABIRA/PB
2019**

ANA MARIA FERREIRA DE ANDRADE

**ESTUDO ETNOBOTÂNICO E DIVERSIDADE DE USOS DE PLANTAS
MEDICINAIS EM COMUNIDADES RURAIS NO BREJO PARAIBANO, NORDESTE
DO BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Área de concentração: Meio Ambiente:
dinâmicas e interações da natureza

Orientador: Prof. Dr. Carlos Antonio Belarmino Alves

**GUARABIRA/PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A553e Andrade, Ana Maria Ferreira de.

Estudo etnobotânico e diversidade de usos de plantas medicinais em comunidades rurais no Brejo Paraibano, nordeste do Brasil [manuscrito] / Ana Maria Ferreira de Andrade. - 2019.

63 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.

"Orientação : Prof. Dr. Carlos Antonio Belarmino Alves ,
Coordenação do Curso de Geografia - CH."

"Coorientação: Profa. Ma. Simone da Silva , UEPB -
Universidade Estadual da Paraíba"

1. Comunidades Rurais. 2. Etnobotânica. 3. Plantas
Medicinais. I. Título

21. ed. CDD 615.321

ANA MARIA FERREIRA DE ANDRADE

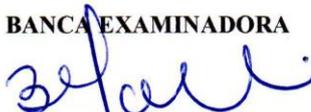
ESTUDO ETNOBOTÂNICO E DIVERSIDADE DE USOS DE PLANTAS MEDICINAIS
EM COMUNIDADES RURAIS NO BREJO PARAIBANO, NORDESTE DO BRASIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de Licenciatura Plena em Geografia da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciada em Geografia.

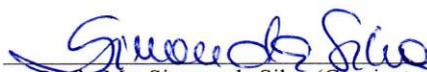
Área de concentração: Meio Ambiente:
dinâmicas e interações da natureza

Aprovada em: 25/11/2019.

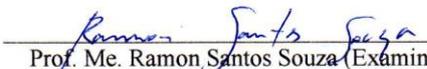
BANCA EXAMINADORA



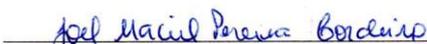
Prof. Dr. Carlos Antonio Belarmino Alves (Orientador)
Dr. em Agronomia -CCA/UFPB
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.ª. Me. Simone da Silva (Coorientadora)
Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente -PRODEMA-UFPB



Prof. Me. Ramon Santos Souza (Examinador)
Mestrado em Geografia (PPGG/UFPB)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Joel Maciel Pereira Cordeiro (Examinador)
Mestrado em Agronomia CCA/UFPB
Dr. em Agronomia -CCA/UFPB
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus pais, por todo o incentivo, carinho e
companheirismo, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por estar sempre comigo, me dar forças e discernimento para superar as dificuldades me permitindo chegar até aqui.

Aos meus pais, Ozana Ferreira da Silva e Severino Barbosa de Andrade, minhas irmãs Marilene Ferreira de Andrade, Edilene Ferreira de Andrade e demais familiares. Sou grata por sempre me incentivarem e acreditarem que eu sou capaz, vocês serviram de alicerce para as minhas realizações.

Agradeço também a seu Severino Gomes, Ivanilda, Matheus Soares e Edna Soares, por terem me acolhido na casa de vocês, os considero como minha família.

A todos os meus professores do Curso de Geografia da UEPB, sem exceções, em especial ao meu orientador Carlos Antonio Belarmino Alves, e minha coorientadora Simone da Silva, muito obrigada pelo incentivo, dedicação e pela confiança depositada em mim. Aos Professores Ramon Santos Souza e Joel Maciel Pereira Cordeiro pela disposição e colaboração neste trabalho.

Às minhas amigas, Andreza Bandeira da Silva, Dayane Fidelis Bezerra e Erica Cabral da Silva, por todo o apoio e companheirismo durante esses cinco anos de curso. E também aos amigos que a Geografia me deu e colegas da turma 2014.2 pela oportunidade do convívio e por todo aprendizado.

Aos amigos Larissa Lara, Ruan Carlos, Dhiovana Oliveira, Carlos Alberto, Vitória Sales, Matheus Freitas, Bruna, João Matheus, Arthur, Jeferson, Felipe e Eduardo pelos momentos de amizade, apoio, conversas e diversão no ônibus, e também a minha amiga Jenifer Freitas.

Aos moradores das comunidades de Ouricuri e Poço Escuro, por colaborarem com esta pesquisa e compartilharem seus saberes conosco, agradeço imensamente.

A Universidade Estadual da Paraíba (UEPB Campus III), seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram esta conquista.

Ao CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico -Brasil pelo apoio ao desenvolvimento do presente trabalho que foi realizado com apoio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC/CNPq-UEPB.

Enfim, a todas as pessoas que de alguma forma fizeram parte do meu percurso durante a graduação, agradeço de coração quem me apoiou, me incentivou e tornou esta conquista possível, obrigada.

“Miudezas. Quando juntas, engrandecem.”
Pe. Fábio de Melo

RESUMO

O uso de plantas medicinais pelas populações humanas tem sido registrado ao longo do tempo como um importante meio de atenção primária à saúde. Este estudo teve como objetivo registrar o conhecimento de plantas medicinais nas comunidades rurais de Ouricuri e Poço Escuro, localizadas no município de Pilões (Paraíba, Nordeste do Brasil). Os dados foram coletados por meio da observação participante e entrevistas semiestruturadas. Na comunidade Ouricuri, foram entrevistadas um total de 19 chefes de famílias (15 mulheres e 4 homens) com faixa etária de 28 a 93 anos, já na comunidade Poço Escuro foram entrevistados um total de 30 informantes (22 mulheres e 8 homens) com faixa etária de 20 a 91 anos. Os dados foram analisados por meio do nível de fidelidade (FL), valor de uso geral (VUG), valor de uso atual (VUa), valor de uso potencial (VUp), importância relativa (IR) e fator de consenso do informante (FIC). A diversidade de espécies conhecidas foi obtida a partir do índice de Shannon-Wiener (H') e a medida de uniformidade de Pielou (J') para medir o padrão de distribuição do conhecimento nas comunidades. Obteve-se 904 citações de 98 espécies (55 exóticas e 43 nativas), distribuídas em 49 famílias botânicas. De forma geral, as espécies mais citadas foram *Anacardium occidentale* L. (caju-roxo) (n= 39), *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br. (Erva-cidreira) (n= 39) e *Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spr. (Hortelã da folha grossa) (n= 39). As famílias botânicas mais destacadas foram Lamiaceae (8 espécies exóticas), Fabaceae (6 nativas e 1 exótica) e Myrtaceae (4 nativas e 2 exóticas). O modo de preparo mais destacado foi o chá de forma cozido (n=383). As afecções mais frequentes foram a inflamação em geral (n= 134), dor de barriga (n= 129), gripe (n= 119) e tosse (n= 103). As espécies que obtiveram maiores valores de uso na comunidade de Ouricuri foram: *Bixa orellana* L. (Açafrão) VUG= 0,68; *Citrus maxima* (Burm. ex Rumph.) Merr. (Laranja) VUa = 0,4; o *Mentha x piperita* L. (Hortelã da folha miúda) VUp = 0,68. Em Poço Escuro as espécies mais valorizadas foram: *Anacardium occidentale* L. (caju roxo) VUG = 0,9; A *Anacardium occidentale* L. (Caju roxo) VUa = 0,52; *Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spr. (Hortelã da folha grossa) obteve o VUp = 0,6. As espécies mais versáteis para a comunidade de Ouricuri foram: *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br. (Erva-cidreira) IR=2 e *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf. (Capim santo) IR=2. As espécies mais versáteis na comunidade de Poço Escuro foram: a *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br. (Erva-cidreira) IR= 2 e *Anacardium occidentale* L. (Caju-roxo) IR= 1,54. O sistema corporal com maior número de propriedades foi o Transtornos do sistema respiratório nas duas comunidades. Quanto para índice de diversidade e equitabilidade, Ouricuri obteve $H' = 3,7$ e $J' = 0,9$ e Poço Escuro resultou $H' = 4,1$ e $J' = 0,9$. As plantas são utilizadas para diversos fins. Espera-se que os resultados obtidos neste estudo sirvam como aparato teórico para desenvolvimento de pesquisas que busquem consolidar as informações relativas às espécies medicinais, valorização cultural e respeito à valorização do conhecimento local e conservação dos recursos naturais.

Palavras-chave: Etnobotânica. Plantas medicinais. Comunidades Rurais.

ABSTRACT

The use of medicinal plants by human populations has been registered over time as an important means of primary health care. This study aimed to record the knowledge of medicinal plants in the Ouricuri and Poço Escuro rural communities, located in the municipality of Pilões (Paraíba, Northeast Brazil). Data were collected through participant observation and semi-structured interviews. In the Ouricuri community, a total of 19 heads of households (15 women 4 men) with 28 to 93 age years were interviewed, while in the Poço Escuro community a total of 30 informants (22 women and 8 men) were interviewed with 20 to 91 years age. Data were analyzed using fidelity level (FL), general use value (UVg), current use value (UVa), potential use value (UVp), relative importance (RI) and informant consensus factor (ICF). The known species diversity was obtained from the Shannon-Wiener index (H') and the Pielou uniformity measure (J') to measure the pattern of knowledge distribution in the communities. 904 citations were obtained from 98 species of plants (55 exotic and 43 native), distributed in 49 botanical families. In general, the most cited species were *Anacardium occidentale* L. (Caju roxo) (n = 39), *Lippia alba* (Mill.) NEBr. (Erva-cidreira) (n = 39) and *Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spr. (Hortelã da folha grossa) (n = 39). The most prominent botanical families were Lamiaceae (8 exotic species), Fabaceae (6 native and 1 exotic) and Myrtaceae (4 native and 2 exotic). The most prominent method of preparation was cooked tea (n = 383). The most common conditions were inflammation in general (n = 134), abdominal pain (n = 129), flu (n = 119) and cough (n = 103). The species with the highest values of use in the Ouricuri community were: *Bixa orellana* L. (Açafrão) VUg = 0.68; *Citrus maxima* (Burm. Ex Rumph.) Merr. (Laranja) VUa = 0.4; *Mentha x piperita* L. (Hortelã da folha miúda) VUp = 0.68. In Dark Well the most valued species were: *Anacardium occidentale* L. (Caju roxo) VUg = 0.9; *Anacardium occidentale* L. (Caju roxo) VUa = 0.52; *Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spr. (Hortelã da folha grossa) obtained the VUp = 0.6. The most versatile species for the Ouricuri community were: *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br. (Erva-cidreira) IR = 2 and *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf. (Capim Santo) IR = 2. The most versatile species in the Poço Escuro community were: *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br. (Erva-cidreira) IR = 2 and *Anacardium occidentale* L. (Caju roxo) IR = 1.54. The body system with the highest number of properties was Respiratory System Disorders in both communities. As for diversity index and equitability, Ouricuri obtained $H' = 3.7$ and $J' = 0.9$ and Poço Escuro resulted $H' = 4.1$ and $J' = 0.9$. Plants are used for various purposes. It is hoped that the results obtained in this study will serve as a theoretical apparatus for the development of research that seeks to consolidate information related to medicinal species, cultural appreciation and respect for the valuation of local knowledge and conservation of natural resources.

Keywords: Ethnobotany. Medicinal plants. Rural Communities.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Localização geográfica da área de estudo	23
Figura 2 –	Entrada da comunidade de Ouricuri, Pilões-PB	25
Figura 3 –	Cultura do Açafrão (<i>Bixa orellana</i> L.) na comunidade de Ouricuri, Pilões-PB	25
Figura 4 –	Entrada principal da comunidade de Poço Escuro, Pilões-PB	26
Figura 5 –	Cultivo de Banana (<i>Musa paradisiaca</i> L.) na Comunidade de Poço Escuro Pilões-PB	26
Figura 6 –	Coleta das informações etnobotânica em campo, comunidade Ouricuri, Pilões-PB	27
Figura 7 –	Coleta das informações etnobotânica em campo, comunidade Poço Escuro, Pilões-PB	27
Figura 8 –	Espécies mais citadas pelos moradores da comunidade, A - <i>Anacardium occidentale</i> L. (caju-roxo), B- <i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br (Erva-cidreira). e C <i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spr. (Hortelã da folha grossa)	30
Figura 9 –	Famílias botânicas que obtiveram maiores números de espécies. Azul = espécies nativas, Amarela= espécies exóticas	32
Figura 10 –	Principais indicações terapêuticas	33
Figura 11 –	Parte utilizadas das plantas	34
Figura 12 –	Modo de preparo	35

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Tabela 1 –	Lista das plantas medicinais mais citadas pelos moradores das comunidades de Ouricuri e Poço Escuro, Pilões-PB. NV= Nome vernacular, O = Origem, N = nativa, E = exótica, NC= n° de citações.	29
Tabela 2 –	Família, nome científico, nome popular, Valor de uso Geral (UVg), valor de uso atual (UVa), valor de uso potencial (UVp) e Importância Relativa (IR).	37
Tabela 3 –	Sistemas corporais, indicações terapêuticas e Fator de Consenso do Informante (FCI) das comunidades de Ouricuri (OR), Poço Escuro (PE).	41
Tabela 4 –	Nível de fidelidade (NF) dos informantes comunidade de Ouricuri, Pilões PB	44
Tabela 5 –	Nível de fidelidade (NF) dos informantes comunidade de Ouricuri, Pilões PB.	45
Tabela 6 –	Tabela comparativa para índice de diversidade em alguns nas comunidades de Ouricuri e Poço Escuro em comparação com outras comunidades rurais do Brasil	46
Quadro 1 -	Histórico da botânica brasileira.....	19

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AACO	Associação Amigos da Cachoeira de Ouricuri
CPRM	Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais
d.C	Depois de Cristo
FCI	Fator de Consenso de Informante
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Hab	Habitantes
IR	Importância Relativa
Km	Quilômetro
MS	Ministério da Saúde
NP	Número de Propriedades
NPEV	Número total de propriedades atribuída à espécie mais versátil
NSC	Número de Sistemas Corporais
NSCE	Número de sistemas corporais tratado por uma determinada espécie
NSCEV	Número de sistema corporais tratado pela espécie mais versátil
OMS	Organização Mundial da Saúde
PB	Paraíba
SUS	Sistema Único de Saúde
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
VUg	Valor de Uso Geral
VUa	Valor de uso atual
VUp	Valor de uso potencial

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
2.1 Populações Tradicionais e o uso de plantas.....	15
2.2 Antecedentes Históricos da Etnobotânica	18
2.3 Etnobotânica uma análise interativa	20
2.4 Etnobotânica Quantitativa.....	21
3 MATERIAI E MÉTODOS.....	23
3.1 Área de estudo.....	23
3.2 Comunidades estudadas.....	25
3.3 Coleta e análises dos dados	27
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	30
4.1 Conhecimentos Tradicionais sobre plantas medicinais	30
4.2 Valor de uso e importâncias das plantas medicinais	36
4.3 Indicações terapêuticas, Nível de fidelidade e Fator de Consenso do Informante	41
4.4 Diversidade do Conhecimento de Shannon-Winier e Equitabilidade	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS.....	49
ANEXO.....	58
Anexo A- Formulário Etnobotânico	59
Anexo B- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	61

1 INTRODUÇÃO

O Brasil é conhecido por ser um dos países de maior biodiversidade (VARELLA, 1997). Nesse contexto, se torna importante conhecer a relação entre o ser humano e a flora local, sendo essencial para que ocorra a conservação do meio ambiente (DIEGUES, 2000). Desta forma a Etnobotânica destaca-se entre as Etnociências, pois abrange o conhecimento científico e estabelece uma ligação entre conhecimento popular e o saber científico na investigação da relação homem com as plantas (KUBO, 2005; ALBUQUERQUE, 2005; STEENBOCK, 2006; FRANCO et al., 2011).

Neste contexto, a evolução das pesquisas no âmbito do conhecimento etnobotânico corrobora com a valorização do conhecimento local, que envolve diretamente as relações humanas e a utilização das espécies vegetais na medicina popular (VÁSQUEZ et al., 2014; GOIS et al., 2016; SIQUEIRA, et al., 2017; ALBUQUERQUE et al., 2017; FIEBIG; PASSA, 2018).

Historicamente, muitas definições de Etnobotânica foram conceituadas. Albuquerque (2005) a define como sendo uma ciência que investiga e estuda a relação e as informações que o homem tem sobre o uso das plantas. Sendo assim é o estudo da interrelação direta entre pessoas de diversas culturas e as plantas (ALBUQUERQUE, 2005). Estudar o conhecimento tradicional, apresenta-se como uma importante forma de conservação dos ecossistemas (ALBUQUERQUE; LUCENA, 2004, ALBUQUERQUE, 2017).

Efetivamente, como uma ciência que busca investigar a interrelação entre o homem e as plantas, a Etnobotânica forma uma estrutura teórico-metodológico, investigando os saberes tradicionais perpetuados entre as gerações e ou grupos culturais (ALBUQUERQUE; ANDRADE, 2002; ALBUQUERQUE, 2005; STEENBOCK, 2006; AMOROZO, 2008). Esclarecendo as diferenças, perante as diversas visões e percepções da natureza local (ALBUQUERQUE E ANDRADE, 2001; ALBUQUERQUE, 2005; YOUNG, 2006; ALENCAR et al., 2006; STEENBOCK, 2006; KUBO, et al., 2009; HAVERROTH, 2010; ALBUQUERQUE et al., 2017; COSTA et al., 2018; BARRETO; SPANHOLI, 2019).

Neste contexto, Organização Mundial da Saúde (OMS, 2013), define a medicina popular como uma alternativa utilizada em âmbito mundial por uma diversidade de povos, em busca de prevenir e curar diversas patologias.

A utilização de plantas medicinais tornou-se uma prática comum na medicina popular, pois as espécies vegetais possuem princípios ativos eficaz no combate aos sintomas e cura de uma diversidade de doenças. As pesquisas científicas comprovam que muitas espécies são

citadas e utilizadas para diversos usos e seus usos com finalidade terapêutica em muitas comunidades rurais no Brasil (PINTO, et al, 2006; ROQUE; LOILA, 2009; OLIVEIRA et al., 2010; MAIA, et al., 2011; CARVALHO et al., 2013; ALMEIDA NETO, et al., 2015; GOIS, et al., 2016; GOMES et al., 2017).

Nesta perspectiva que o estudo é de grande relevância por investigar usos e a diversidade de plantas uso medicinal nas comunidades rurais de Ouricuri e Poço Escuro no Brejo da Paraíba, especificamente no município de Pilões-PB.

Por se tratar de comunidades rurais, Ouricuri e Poço Escuro no município de Pilões, Paraíba, Nordeste do Brasil, além de estarem localizadas em áreas de Brejos de altitudes, apresentam a cobertura vegetal do tipo perenifólia e subcaducifólia de porte médio a alto com dossel fechado, denso com espécies de transição da Mata atlântica e Cerrado. Devido as baixas temperaturas no período chuvoso do ano (inverno) que em áreas de em brejos de altitudes podem atingir até 10°C. (MELO et al., 2000).

A relevância do estudo, reside na valorização do conhecimento das populações locais é sendo de suma importância na conservação da biodiversidade e dos ecossistemas locais, além de permite-se conhecer o uso das espécies nativas e exótica, formando arsenal das espécies conhecidas e utilizadas pelos os informantes moradores das comunidades investigadas e conseqüentemente, identificar possíveis fatores que afetam e impactam a biodiversidade destas comunidades.

Este estudo teve como objetivo registrar o conhecimento de plantas medicinais nas comunidades rurais de Ouricuri e Poço Escuro, localizadas no município de Pilões (estado da Paraíba, Nordeste do Brasil). Foram aplicados índices para avaliar o valor de uso e a importância das plantas medicinais, consenso dos informantes e a diversidade do conhecimento.

Cientificamente a pesquisa poderá contribuir com um embasamento teórico composto de informações para outros trabalhos em áreas de brejos e outros locais, buscando fielmente mostrar a importância da Etnobotânica, tanto para explicar a relação do homem com as plantas, como também identificar novas espécies de uso medicinal através do conhecimento tradicional.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Populações Tradicionais e o uso de plantas

Diegues et al., (2000, p. 115) enfatiza que nos países tropicais, existem populações que sempre habitaram os ecossistemas sem, necessariamente, ameaçar a diversidade biológica de que dependiam para sua reprodução material, social e simbólica. Estes povos se orientam por outro tipo de mito, o antropomórfico (MORIN, 1991), no qual a natureza faz parte da sua vida e vice-versa. Sendo as “populações tradicionais” conforme Diegues e Arruda (2001, p. 27): “[...] grupos humanos diferenciados sob o ponto de vista cultural, que reproduzem historicamente seu modo de vida, com base na cooperação social e das relações próprias com a natureza”.

Diegues et al, (2000) afirma que os saberes sobre o mundo natural e sobrenatural é transmitido de geração em geração, através da oralidade. Assim, Morin (1999) menciona que o conhecimento empírico, técnico, racional, simbólico, ao mesmo tempo que é uno é duplo, e conceituado como “unidual”.

Assim, tais interpretações na formação da cultura e de conhecimento tradicional, permite considerar as informações e fatos, atualmente obtidos com muita rapidez e diversidade, segundo Harvey (2002), sem o tempo necessário para a estabilização da tradicionalidade, relativos e precisos para estes conhecimentos serem absorvidos. Tais aspectos podem ter consequências da pós-modernidade.

É provável que a história do uso das plantas tenha começado no século II a. C. com o rei do Porto, Mitríades, intitulado como o primeiro farmacologista experimental. Naquele tempo já eram conhecidos os opiáceos e inúmeras plantas tóxicas. O papiro de Ebers descoberto no Egito, na metade do século, em Luxor no ano de 1550 a. C. apresentou uma lista de plantas medicinais com os seus usos, citando cerca de 700 drogas para diferentes procedimentos que inclui extratos de plantas e venenos de animais, dessa forma, se conhecem as contribuições da civilizações assírias sobre a manipulação das plantas que datam aproximadamente 700 a. C (BAKER, 1968).

Segundo Monteiro (2012), na Bíblia há muitas referências das plantas curativas ou a seus derivados, tanto no Antigo como no Novo Testamento, como o aloés, o benjoim e a mirra. Embora desde muito cedo as plantas tenham sido domesticadas. Porém a Botânica com o estudo das plantas e a sua utilização é recente e ter suas raízes na cultura da antiga Grécia (BAKER, 1968).

Entre os gregos, as plantas medicinais, mais do que qualquer outra coisa, eram o objeto de estudo da botânica. Hipócrates, entre 460 e 370 a. C., descreveu importantes trabalhos. Assim, a ciência botânica parece estar na obra de Aristóteles (384-322 a. C.) e na de Teofrasto (370-287 a. C.), ambos discípulos de Platão. Teofrasto fez, também, uma lista de plantas medicinais, algumas das quais conheceu por suas experiências nos exércitos de Alexandre Magno (BAKER, 1968).

Em suma, na Antiguidade a medicina esteve estreitamente dependente da Botânica, tanto na Grécia como em Roma. No período de 23 a 79 d. C. Plínio, o Velho, elaborou um compêndio de fatos acerca das plantas e dos animais existentes. Durante o período romano o médico Dioscórides, muito importante para a botânica que nasceu em 64 d. C. viajou muito, sobretudo como cirurgião a serviço do exército do imperador Nero. E assim, escreveu os primeiros estudos sobre as plantas, chamados de herbário, sendo uma lista primitiva com ilustrações das espécies vegetais e suas propriedades (BAKER, 1968; BEGOSSI, 2001).

No século XV, com o advento da introdução da imprensa na Europa, começaram a aparecer grandes quantidades de “herbários” apesar de muitos deles serem plágios do herbário original escrito por Dioscórides (BAKER, 1968).

Até ao período do Renascimento, os estudiosos procuravam encontrar na flora local exemplos das plantas que Dioscórides descrevera na sua obra. Esta demanda levava a frequentes e compreensíveis erros de interpretação, pois, por exemplo, a flora do Norte da Europa é distinta da flora Mediterrânea (BOORSTIN, 1987).

No entanto os estudantes de Linneu trouxeram, ou enviaram para o seu mestre, não só plantas, mas também relatórios nos quais descreveram o modo como os povos autóctones das regiões visitadas utilizavam essas mesmas plantas, ou seja, registraram informações de cunho etnobotânico. Peter Kalm foi direcionado para a América do Norte na tentativa de encontrar espécies exóticas de amoreiras que permitissem criar uma nova indústria da seda; Frederick Hasselquist foi para o Oriente Médio e para a China viajou Pehr Osbeck. Outros viajaram para as Índias Espanholas, para a Tartária, a Pérsia, a Guiana Holandesa, a Índia e para a região que hoje África-do-Sul. O jovem Daniel Solander acompanhou o capitão Cook na viagem de circum-navegação do globo terrestre que demorou três longos anos e no regresso trouxe para a Europa cerca de 1.200 novas espécies de plantas herborizadas, incluindo 100 géneros novos (DAVIS, 1995).

Segundo Carvalho (2006), Lineu dedicou-se a viagens de exploração botânica nas quais registou inúmeras referências relativas aos usos etnobotânicos das plantas. Em notas que depois foram publicadas, em conjunto com a descrição das plantas encontradas, especialmente em duas

obras: *Flora Lapponica* (1737) e *Flora Suecica* (1745). Nos XVII e XVIII, os estudos botânicos raramente incluíam referências aos usos não medicinais das plantas. Em 1690, o botânico Augustus Bachmann Rivinus (1652- 1725) chegou mesmo a defender que os estudos botânicos deviam limitar-se ao estudo das plantas e não às suas propriedades (BARRAU, 1971; WICKENS, 2001).

Já no século XVI muitos “herbários” de considerável valor foram produzidos, como os publicados em 1542 por Leonhart Fuchs, para os quais se denominou de *Fuchsia* ao gênero assim chamado e, em 1576 por L’Obel, cujo nome latinizado é *Lobelius* e que tem seu nome perpetuado no gênero *Lobelia*. Outro pilar é a *História das Plantas* por Valerius Cordus, publicada na Prússia em 1561. Descrito por Baker (1968) em sua obra *Las plantas y La civilización* (BARRAU, 1971; WICKENS, 2001).

Godelier (1981) destaca que estudos do modo como um grupo humano se relaciona com seu ambiente justifica-se em si próprio, pois, permite compreender, a partir do seu modo de pensar a natureza, como o homem a explora para produzir seus meios de sobrevivência, bem como, de compreender como o homem se apropria dela, ideologicamente, para construir representações simbólicas importantes para a sua organização social (POSEY, 1981, 1983; LÉVI-STRAUSS, 1970).

Entende-se que as plantas medicinais já faziam parte da cultura popular, nas últimas décadas, que gerou o interesse pela Fitoterapia, que teve aumento considerável entre usuários, pesquisadores e serviços de saúde. Segundo a Organização Mundial da Saúde - OMS - 80% da população dos países em desenvolvimento utilizam práticas tradicionais nos seus cuidados básicos de saúde e 85% usam plantas medicinais ou preparações destas. Desde então, a OMS tem expressado a sua posição a respeito da necessidade de valorizar a utilização de plantas medicinais no âmbito sanitário e na atenção básica à saúde (ROSA; CÂMARA; BÉRIA, 2011).

Sobre este aspecto é importante dizer que homem foi e é o agente de mudanças de evolução vegetal doméstica, pois desde os primórdios da civilização humana o meio botânico esteve relacionado à sua sobrevivência. (FRANCO et al., 2011).

As plantas medicinais representam uma importante ferramenta na cultura e saúde em muitos locais do Brasil, sendo assim de grande interesse da Etnobotânica e da Etnofarmacobotânica (FRANCO et al., 2011). “A utilização de plantas, além de outros produtos naturais, no tratamento e prevenção de doenças, pode ser detectada em diferentes formas de organização social, constituindo-se como uma prática milenar associada aos saberes populares, médicos e a rituais” (FERNANDES, 2004, p.27).

2.2 Antecedentes Históricos da Etnobotânica

A partir dos estudos de Carl Linnaeus, se inicia a história da etnobotânica. Em seus trabalhos ele buscava catalogar costumes dos povos que utilizavam as plantas, seus diários de viagens possuíam dados sobre as culturas dos locais visitados, além dos costumes dessas comunidades, desta forma ele estudava o modo de utilização das plantas, mas não se detinha unicamente a esse uso, mas também no que envolvia tudo isso (PRANCE,1991).

Em 1895 John William Harshberger, propôs que a “Etnobotânica é o estudo das plantas usadas por povos primitivos e aborígenes” (STEENBOCK, 2006). Em 1941 Volney Jones afirma que “a etnobotânica é o estudo das interrelações entre o homem primitivo e as plantas” definição na qual está implícito o aspecto cultural destas inter-relações e, portanto, a dimensão antropológica da etnobotânica.

Schultes no ano de 1941, definiu que a etnobotânica como uma ciência intermediária entre botânica e antropologia e, em seu sentido mais amplo seria o estudo das relações que existem entre os homens e as plantas que o cercam (OTERO, 2014).

Em 1953, Schultes retornou para aos EUA depois de doze anos na Amazônia colombiana vivendo com diferentes tribos indígenas. Durante esse período, esse biólogo dedicado à etnobotânica, coletou mais de 24.000 amostras de herbário (300 novas espécies para a ciência), identificou mais de 1500 espécies de uso medicinal e colaborou, à sua maneira, um grande aliado, durante a Segunda Guerra Mundial (OTERO, 2014).

Em 1967 Richard Schultes retira o termo “homem primitivo” da definição, colocando que a Etnobotânica é “o estudo das relações entre o homem e seu ambiente vegetal” (STEENBOCK, 2006). Além de descrever que a Etnobotânica existe desde os primórdios da história escrita da humanidade. Para Schultes, os primeiros etnobotânicos foram, as primeiras populações nativas, que classificaram as plantas de acordo com alguns critérios (comestível / não comestível), e assim, já se praticava a Etnobotânica. (OTERO, 2014).

Schultes (1979, p.209) classifica que a “A etnomedicina de quase todas as tribos do noroeste da Amazônia tem uma característica comum: a tendência de usar uma só planta no tratamento de uma doença. Raras vezes existem fórmulas ou receitas em que se utilizam de várias espécies misturadas”. Com isso essas tribos, diferente de algumas comunidades tradicionais que normalmente se utilizam de várias plantas para tratar de apenas uma doença.

Schultes (1979, p. 210) descreve claramente os resultados dos seus estudos etnobotânicos:

Durante os últimos 35 anos tenho andado investigando, no campo, o uso das plantas biodinâmicas entre os índios do noroeste da Amazônia. Entre os anos de 1941 e 1954. Vivi permanentemente na região e, desde 1955 até o presente, tenho feito visitas anuais a vários pontos, continuando assim minhas investigações etnobotânicas. Hoje em dia, temos dados a respeito de umas 700 espécies que são usadas por suas propriedades biodinâmicas. A maioria dos usos são novos em nossos conhecimentos.

Já no ano de 1976, Hernandez-xolocotzi, propõe que a Etnobotânica “é o campo científico que estuda as interrelações que se estabelecem entre o homem e as plantas, através do tempo e em diferentes ambientes” (STEENBOCK, 2006).

Hernández Xolocotzi era um agrônomo mexicano cuja formação básica e profissional ocorreu nos Estados Unidos, nos anos trinta e quarenta de século passado. No México desenvolveu um processo de pesquisa científica e treinamento de recursos humanos que duraram meio século. O legado dele é muito extenso e alguns de seus textos são paradigmáticos em diferentes campos do conhecimento, como Etnociências, Agronomia, Antropologia e Biologia, ele intensificou o trabalho com a etnobotânica e recursos genéticos (LEÓN, 2013).

Em (1980) Richard Ford afirma que a totalidade das pessoas e das plantas em uma cultura é a inter-relação direta das pessoas com as plantas (STEENBOCK, 2006). Já Alcorn em (1995), traz como definição que a Etnobotânica como o estudo das inter-relações entre os seres humanos e as plantas inseridas em ecossistemas dinâmicos constituídos por componentes naturais e sociais (STEENBOCK, 2006).

Mais recentemente em (2005) Ulysses Paulino de Albuquerque, propõe que a Etnobotânica constitui-se de uma análise interativa e dinâmica entre os símbolos, o natural (botânico) e o cultural (ALBUQUERQUE, 2005) (Quadro 1).

Quadro 2 - Histórico da botânica brasileira.

Período	Séculos	Acontecimentos
Cronistas e missionários	Séculos XVI até meados do século XVII	- Carta de Pero Vaz de Caminha (1450-1500); - História dos Animais e Árvores do Maranhão (1625-1631) de Frei Cristóvão de Lisboa (1583-1652).
O Brasil holandês	Holandeses no Nordeste Brasileiro (1637 – 1644)	- História Naturalis Brasiliae (1648)
Despertar dos brasileiros	Segunda metade do século XVIII	Destaca-se o médico e naturalista Manuel Arruda da Câmara (1752-1811);
Naturalistas viajante e institucionalização científica	Século XIX até meados do século XX	- Flora Brasiliensis, obra produzida entre 1840 e 1906 com a participação de 65 botânicos de vários países; - Livro Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros (1844);
Brasil contemporâneo	A partir de 1950	- Criação das agências de fomento as pesquisas científicas; - Programas de Pós-graduação; - Centro de pesquisas

Fonte: Adaptada de Medeiros, (2009).

A etnobotânica histórica, estuda a evolução das relações estabelecidas entre o homem e o universo vegetal, considerando os contextos históricos (MEDEIROS, 2009;2010). Sendo delineada em algumas abordagens.

Quanto ao conhecimento da Etnobotânica Histórica sobre plantas, mencionado por Helbaek em 1960, diz que o estudo sobre plantas pode resultar tanto de pesquisa voltada para sistematização das informações sobre o uso das espécies por sociedades presentes, quanto as investigações das interações entre as sociedades e plantas na história sendo também consideradas como Paleoetnobotânica. Hastorf e Popper (1988) empregam o termo Arqueobotânica que inclui todo e qualquer estudo que se propõe abordar os mais variados aspectos das interações estabelecida no passado entre as pessoas e as plantas (MEDEIROS, 2009).

2.3 Etnobotânica uma análise interativa

A natureza multidisciplinar da Etnobotânica permite um amplo aspecto de abordagens e aplicações, reúne pesquisadores de diferentes origens e orientações teóricas e epistemológicas diversas, estabelecendo uma base de diferentes perspectivas científicas, tais como; a antropologia, geografia, estatística, botânica, ecologia, genética, evolução e a economia (ALBUQUERQUE, 2017).

Nesta perspectiva, que a etnobotânica é a ciência que analisa e estuda as informações populares entre o homem e a sua relação com as plantas. É por meio dela que se mostra o perfil de uma comunidade e seus usos com relação às plantas por meio estrategicamente dos usos, pois cada comunidade tem seus costumes e peculiaridades, visando extrair informações principalmente dos usos de plantas medicinais (YOUNG, 2006; OLIVEIRA, 2017).

Os estudos que apresentam abordagens mais utilizada no ensino da etnobiologia tem sido a inserção através de tópicos ou módulos dentro de disciplinas pré-existentes nas grades curriculares de diferentes cursos de graduação. Através dos elementos de etnobiologia (sobretudo a etnobotânica e a etnofarmacologia) nas disciplinas como “botânica geral”, “botânica econômica”, “plantas medicinais”, “agrossilvicultura regional”, “pesquisa de plantas aromáticas e medicinais”, “horticultura aplicada”, “ecologia humana”, “farmacologia para biologia”, sendo que grande parte destas tem como foco aspectos relacionados (SILVA, 2006; MING, 2006).

Ao uso de plantas medicinais nos estudos etnobotânicos, o pesquisador tem como objetivo principal procurar conhecer a cultura e costumes da comunidade estudada. Além da

forma como a comunidade se utiliza dos recursos naturais disponíveis no local, para as variadas formas de uso (PATZLAFF, 2009).

As abordagens da Etnobotânica são diversas, como por exemplo, a etnobotânica aplicada pode ser entendida como uma abordagem, voltada para atender demandas específicas. Por exemplo, a conservação e uso da biodiversidade, desenvolvimento de drogas de interesse médico e/ou farmacêutico (MEDEIROS; ALBUQUERQUE, 2005).

2.4 Etnobotânica Quantitativa

Citada primeiramente por Balée (1987), o termo Etnobotânica Quantitativa, apareceu em vários estudos com os princípios de conferir robustez e qualidade aos dados analisados de maneira científica.

Porém, tendo em vista os critérios mais conceitual e que fomentaram o aperfeiçoamento da coleta, análise e apresentação dos dados, por exemplo, Phillips e Gentry (1993), Rossato et al. (1999), Galeano (2000), Hanazaki et al. (2000), Almeida e Albuquerque (2002), Albuquerque e Andrade (2002).

TAIS abordagens consistem em calcular o valor ou importância de recursos vegetais principalmente para os diversos grupos ou povos tradicionais (Turner 1988; Prance et al. 1987), associado aos estudos dos padrões de uso e da variação intracultural no uso de espécies vegetais.

Diante de uma técnica mais quantitativa Phillips e Gentry (1993) formularam o valor de uso (VU), uma técnica que considera as citações de uso indicado pelos informantes (Phillips et al. 1994; Rossato et al. 1999; Galeano 2000). Zente (1996) descreve a importância das análises de padrões de uso de recursos e da diversificação do saber dos indivíduos que fazem parte de uma determinada comunidade. Com um novo olhar para identificar quais as espécies medicinais de maior destaque entre indígenas da Amazônia equatoriana, Friedman et al. (1986) utilizaram a técnica que considera o nível de fidelidade para as espécies medicinais citadas (corresponde ao número de informantes que citam determinado uso para uma espécie, dividido pelo número de informantes que citaram a espécie para qualquer uso).

A importância relativa de cada espécie é assinalada pelo pesquisador, daí o caráter subjetivo (PHILLIPS, 1996). São exemplos deste tipo de estudo os trabalhos realizados por Turner (1988) e Stoffle et al. (1990). Esta técnica agrega valores pré-determinados às espécies de acordo principalmente com a categoria de uso.

Phillips e Gentry (1993) uniram o teste de hipótese e a quantificação numa tentativa de contribuir para o desenvolvimento de uma etnobotânica quantitativa, porém acrescentaram outros elementos a sua pesquisa como o retorno aos informantes para repetir os

questionamentos anteriores. Assim, o chamado cálculo do Valor de uso estabelecido por Phillips e Gentry (1993) é o resultado do número de usos mencionados por cada informante.

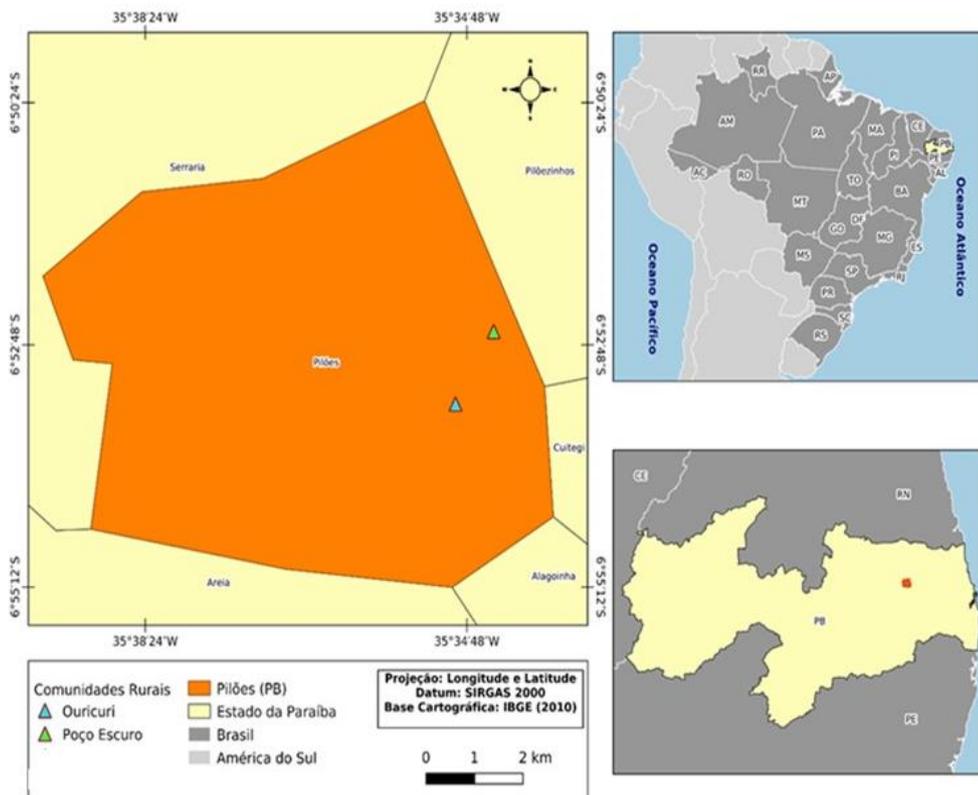
O Valor de Uso (VU) para cada espécies citadas é calculado $VU = \sum u_i/n$, sendo, U_i = número de usos mencionados por cada informante para uma espécie determinada e n = o número total de informantes (ROSSATO et al., 1999) O mesmo é calculado em três formas o (VUg) baseado no número de citações das espécies de usos calculado usando e também realizado a distinção entre as citações de o valor de uso atual (VUa) que considera os usos que os informantes efetivamente utilizam em seu cotidiano durante a coleta das informações e VUp considera os usos que são apenas reconhecidos e não utilizado pelo informante no momento da entrevista, indagados os informantes para ter conhecimentos das espécies que eram citadas quais estavam sendo utilizadas no momento (LUCENA et al., 2012).

3 MATERIAL E MÉTODOS

3.1 Área de estudo

O município de Pilões-PB localiza-se nas coordenadas geográfica $06^{\circ}52'12''S$ e $35^{\circ}37'06''W$, no estado da Paraíba, Nordeste do Brasil (Figura 1). Situa-se na Mesorregião do Agreste e Microrregião do Brejo Paraibano, distando aproximadamente 120,4 Km da Capital João Pessoa-PB. O mesmo está inserido na vertente oriental do Planalto da Borborema, limitando-se aos municípios de Serraria (norte e oeste), Areia (sul), Alagoinha (sul), Pilõezinhos (leste) e Cuitegi (leste). De acordo com dados do censo demográfico sua área territorial abrange 64 km² e abriga aproximadamente uma população de 6.978 habitantes, onde 47,75% da população reside na área urbana e 52,25% na zona rural, dividida entre 50,40% homens e 49,60% mulheres (IBGE, 2010). Apresenta uma densidade demográfica de 108, 28 hab. km². Do ponto de vista econômico, o município destaca-se na agricultura pelo cultivo da *Musa x Paradisiaca* L (banana) segundo o censo agropecuária com a produção de 11.556,340 toneladas (IBGE, 2017).

Figura 1 - Localização geográfica da área de estudo.



O clima é tropical chuvoso com destaque de verão seco. O período da estação chuvosa tem início no mês de janeiro ou fevereiro até o mês de agosto, podendo se estender até o mês de outubro (CPRM, 2005).

Referente aos aspectos geológicos, o município está inserido na unidade Geoambiental do Planalto da Borborema, formada por maciços e outeiros altos, com altitude variando entre 650 a 1.000 metros. Ocupa uma área de arco que se estende do sul de Alagoas até o Rio Grande do Norte. O relevo dessa localidade é geralmente movimentado, com vales profundos e estreitos dissecados (CPRM,2005). A hidrologia, o município de Pilões-PB, encontra-se inserido nos domínios da bacia hidrográfica do rio Mamanguape. Os principais tributários são: os rios Araçagi Mirim e Araçagi. Os principais cursos d'água que permanece no município o regime de escoamento intermitente e o padrão de drenagem é o dendrítico.

Em relação as ordens de solo, estão dispostos da seguinte forma, em áreas com uma topografia do terreno suave onduladas a onduladas, ocorrem os Planossolos, medianamente profundos, fortemente drenados, ácidos a moderadamente ácidos e fertilidade natural média; os Argissolos, que são profundos, textura argilosa, e fertilidade natural média a alta. Nas elevações ocorrem os solos Neossolos rasos, textura argilosa e fertilidade natural média. Nos vales dos rios e riachos, ocorrem os Planossolos, medianamente profundos, imperfeitamente drenados, textura média/argilosa, moderadamente ácidos, fertilidade natural alta e problema de sais e ocorrem também afloramento rochosos (REINALDO et al., 2013, CARDOSO, 2014).

Apresenta altitude elevada, com vales profundos e estreitos dissecados variando entre 500 a 700 metros. Inserido na bacia hidrográfica do rio Mamanguape, sua hidrografia é composta por rios perenes com pequena vazão e possui um baixo potencial de água subterrânea (CPRM 2005).

A vegetação é composta pelos refúgios ou brejos de altitude que formam “ilhas” de floresta úmida ou “mata serrana” estabelecidas na região semiárida, sendo cercadas por uma vegetação de caatinga, (TABARELLI; SANTOS, 2004). O estado de conservação dos brejos de altitude é crítico em todo o Nordeste, pois a expansão da agropecuária, em particular da lavoura da cana-de-açúcar, praticamente devastou aquelas formações, restando apenas pequenas manchas de vegetação (LINS; MEDEIROS, 1994). A vegetação nativa é própria dos brejos de altitude, que foi praticamente devastada em substituição à monocultura da cana de açúcar, e com a decadência dessa atividade foi introduzida a pastagem e a agricultura familiar e no caso das comunidades estudadas a monocultura da banana (*Musa Paradisiaca* L.) (SILVA, 2013). A substituição da vegetação nativa por sistemas de produção contribui para a descaracterização de habitats (SILVA, 2013).

A região é formada, predominantemente, por material cristalino dissecado em colinas e lombas alongadas, de topografias forte-onduladas a montanhosas, com densa rede de drenagem de padrão dendrítico e sub-dendrítico, com uma cobertura vegetal típica de mata de altitude (CPRM, 2005). Nas áreas rurais do município Pilões se destacam as comunidades rurais de Ouricuri, Poço Escuro, Titara e Veneza, sendo esta última um projeto de assentamento (PA), que proporcionam a produção agrícola e pecuária na área (CARDOSO et al, 2014).

Além das estradas de barro, cada comunidade possui algumas vias menores e estradas vicinais mais estreitas, as chamadas trilhas, que adentram pela mata, permeando os morros e riachos e permitem descobrir ambientes bastante apreciados pelos visitantes e pelos próprios moradores locais. O conjunto paisagístico envolve uma cobertura vegetal diversificada, que se espalha pelas colinas e proporciona a manutenção dos cursos d'água e da fauna local, transformando esse ambiente em vetor de atração para muitos visitantes, o que despertou o uso desse espaço para as práticas de turismo rural, turismo ecológico ou geoturismo, visto a formação de diversas cachoeiras existentes nesta área.

3.2 Comunidades estudadas

A comunidade de Ouricuri situa-se a 6 km da sede do Município de Pilões via PB 077. Essa área rural possui cerca de 39 famílias. A principal atividade desenvolvida pelos moradores é a agricultura familiar, onde os moradores da comunidade têm como principais cultivos a Macaxeira (*Manihot esculenta* Crantz), banana (*Musa x paradisíca* L.), milho (*Zea mays* L.), feijão (*Phaseolus vulgaris* L.), fava (*Phaseolus lunatus* L.), inhame (*Dioscorea alata* Linn) e o Açafrão (*Bixa orellana* L.) (Figura 2-3).

Figura 2 - Entrada da comunidade de Ouricuri, Pilões-PB.



Fonte: Pesquisa de campo (2019).

Figura 3 - Cultura do Açafrão (*Bixa orellana* L.) na comunidade de Ouricuri, Pilões-PB



Fonte: Pesquisa de campo (2019).

A região tem potencial geoturístico e envolve a cachoeira de Ouricuri, que recebe o nome da própria comunidade, além de uma grande diversidade da flora e fauna, atraindo então, vários turistas. A comunidade atualmente conta com uma associação de moradores, que é a AACO (Associação Amigos da Cachoeira de Ouricuri) criada recentemente sobre o controle do agricultor Luís Pinheiro da Silva de 38 anos que vem se organizando no intuito de preservar a cachoeira e toda a área natural da comunidade, que vinha sofrendo com poluição por parte dos visitantes turistas e da própria comunidade. A associação vem promovendo também, o turismo rural de maneira sustentável, tendo como ação beneficiadora aos moradores e fomentando ao empreendedorismo, garantindo emprego e renda extra. A comunidade contou também com o incentivo de professores da UEPB e alunos do curso de geografia, onde houveram trabalhos de conscientização ambiental, através dos grupos de pesquisa da universidade.

A comunidade rural de Poço Escuro, localizada no município de Pilões, fica situada a 8 km da área urbana, em direção ao município de Cuitegi, ao longo da Rodovia PB 077. A principal atividade desenvolvida pelos moradores é a agricultura familiar e pecuária, segundo os mesmos, os principais cultivos são o milho (*Zea mays* L.), feijão (*Phaseolus vulgaris* L.), Macaxeira (*Manihot esculenta* Crantz), Banana (*Musa x paradisiaca* L.) fava (*Phaseolus lunatus* L.), entre outros. Em relação aos equipamentos sociais, a comunidade dispõe de uma escola, e uma capela, possui também uma associação de moradores onde residem cerca de 60 famílias e também possui grande potencial geoturístico, que atrai turistas da região e de outros estados, sendo algumas destas atividades o turismo rural, piscinas naturais, grutas e trilhas ecológicas (Figura 4 - 5).

Figura 4 - Entrada principal da comunidade de Poço Escuro, Pilões-PB.



Fonte: Pesquisa de campo (2019).

Figura 5 - Cultivo de Banana (*Musa paradisiaca* L.) na Comunidade de Poço Escuro Pilões-PB



Fonte: Pesquisa de campo (2019).

3.3 Coleta e análises dos dados

As informações socioeconômicas e dados etnobotânicos foram registrados de março de 2016 a junho de 2019. Nas duas comunidades foram entrevistados 49 chefes de famílias, através do Formulário semiestruturadas. Na comunidade Ouricuri foram entrevistadas no total de 19 pessoas, sendo 15 mulheres 4 homens com faixa etária variando de 28 a 93 anos.

Na comunidade Poço Escuro foram entrevistados o total de 30 chefes de famílias, sendo 22 mulheres e 8 homens com a faixa etária entre 20 e 91 anos. A grande maioria dos informantes da pesquisa foram mulheres, tal fato justifica-se devido aos homens terem maior ligação com o trabalho fora das residências especialmente na agricultura ou na construção civil em cidades vizinhas, e as mulheres serem as responsáveis pela manutenção do lar e lidarem comumente com os preparos medicinais (Figura 6 - 7).

Figura 6 - Coleta das informações etnobotânica em campo, comunidade Ouricuri, Pilões-PB.



Fonte: Pesquisa de campo (2019).

Figura 7 - Coleta das informações etnobotânica em campo, comunidade Poço Escuro, Pilões-PB.



Fonte: Pesquisa de campo (2019).

Nas informações coletadas para o registro do conhecimento dos recursos vegetais locais, foram aplicados o formulário etnobotânico contendo perguntas semiestruturadas previamente formuladas (ALBUQUERQUE et al., 2010). Os informantes foram entrevistados individualmente deixando-os à vontade para expressar os termos conhecidos localmente (ALBUQUERQUE et al., 2010). Os formulários utilizados nas entrevistas são compostos por questões de caráter sócio- econômico e por questões que buscaram coletar informações sobre a flora local e os seus usos medicinais.

As espécies mencionadas nas entrevistas tiveram sua identificação confirmada a partir do registro de plantas cultivadas nos quintais domésticos (espécies exóticas) ou por meio de coletas de plantas em fragmentos de matas (plantas nativas). O material botânico foi enviado

ao Herbário Jaime Coelho de Moraes (EAN) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Campus II, no Centro de Ciências Agrárias (CCA), Areia-PB.

Para cada espécie mencionada nas entrevistas foi calculado o valor de uso (VU), utilizando a fórmula: $VU = \sum U_i/n$, sendo, U_i = número de usos mencionados por cada informante para uma espécie determinada e n = o número total de informantes (ROSSATO et al., 1999). O cálculo do valor de uso foi realizado levando em consideração três formas de tratamento; valor de uso geral (VUG), Valor de uso atual (VUA), e Valor de uso Potencial (VUP) (LUCENA, et al., 2012). No VUG foram incluídas todas as citações de uso, enquanto no VUA foram incluídas apenas as citações em que os informantes afirmam utilizar efetivamente a espécie em seu cotidiano. No VUP foram consideradas as citações de uso reconhecidas, mas não utilizadas pelos informantes no momento da pesquisa.

O cálculo da Importância Relativa-IR (BENNETT; PRANCE, 2000), é uma proposta simples empregada no estudo de plantas medicinais, na qual a planta é mais importante quanto mais versátil, ou maior número de indicações terapêuticas apresentadas nos sistemas corporais pertencentes.

O índice pode ser calculado de acordo com a fórmula a seguir: $IR = NSC + NP$, onde: IR = Importância relativa; NSC = Número de Sistemas Corporais; NP = Número de Propriedades. O NSC = Número de Sistemas Corporais tratado por uma determinada espécie (NSCE) dividido pelo Número total de Sistemas Corporais tratados pela Espécie mais versátil (NSCEV) realizado da seguinte forma: $NSC = NSCE/NSCEV$. O NP = Número de Propriedades atribuídas a uma determinada Espécie (NPE) dividido pelo número total de propriedades atribuídas à espécie mais versátil (NPEV) assim: $NP = NPE/NPEV$.

O IR, o valor máximo que uma espécie pode obter é “2”. Essa técnica assume que uma espécie é mais importante quando apresenta números elevados de propriedades terapêuticas. As indicações terapêuticas para cada espécie citada foram distribuídas em diferentes categorias conforme ALMEIDA e ALBUQUERQUE, (2002).

Buscou-se analisar a concordância de uso das espécies pelos citantes, onde foi calculado o Fator Consenso de Informante (FCI) de acordo com a técnica de Totter e Logan (1986). Para o cálculo do FCI foi utilizada a seguinte fórmula: $FCI = (n_{ur} - n_a) / (n_{ur} - 1)$, Onde FCI refere-se ao Fator de Consenso dos Informantes, (n_{ur}) é o número de citações de usos em cada categoria e (n_a) corresponde ao número de espécies indicadas em cada categoria. Os valores de FCI variam de 0 a 1. Tais autores identificam os sistemas corporais (ou categorias de doenças), que apresentam maior Importância Relativa (IR). Os sistemas corporais são uma subcategoria da categoria medicinal, pois agrupam doenças relacionadas com os diversos sistemas.

Também, calculou-se para cada planta, o NF (Nível de Fidelidade) de Friedmam et al., (1986) a partir da fórmula: $FL = I_p / I_u \times 100\%$, sendo I_p o número de informantes que sugerem o uso de uma determinada espécie para um uso principal e I_u o número total de informantes que citaram a espécie para qualquer finalidade. Tal técnica foi descrita para a utilização medicinal de plantas, ou seja, considera apenas uma categoria de uso.

Para verificar a diversidade do conhecimento etnobotânico (considerando o número de espécies citadas), foi calculado o índice de Shannon-Wiener (H') (PERONI et al., 2014), que é representado pela fórmula:

$$H' = - \sum_{i=1}^S p_i \ln p_i$$

Onde:

S = Número de espécies

p_i = Proporção relativa de abundância de espécies i em relação ao número total de espécies citado.

Quanto maior o valor de H' , maior a diversidade do conhecimento etnobotânico da área estudada. A medida de uniformidade ou uniformidade de Pielou (J') foi usada para medir o padrão de distribuição na comunidade (PERONI et al., 2014). Este cálculo é expresso pela seguinte fórmula:

$$J' = \frac{H'}{H'_{\max}}$$

Onde: J' = função Shannon-Wiener Medida de uniformidade (varia de 0 a 1)

H' = índice de diversidade de Shannon-Wiener

H'_{\max} = valor máximo de H' .

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Conhecimentos Tradicionais sobre plantas medicinais

As espécies de uso medicinal nas comunidades de Ouricui e Poço Escuro, obtiveram em um total de 904 citações distribuídas em 98 espécies sendo 55 exóticas e 43 nativas (Tabela 1). Foram encontrados valores similares, pertencente a 49 famílias botânicas, citadas para tratamento de diversas patologias dentre essas destaca-se *Anacardium occidentale* L. (caju-roxo) n=39 (4,31%), *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br.(Erva-cidreira) n=39 (4,31%), *Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spr. (Hortelã da folha grossa) n=39 (4,31%), *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf. (Capim santo) n= 35 (3,87%).

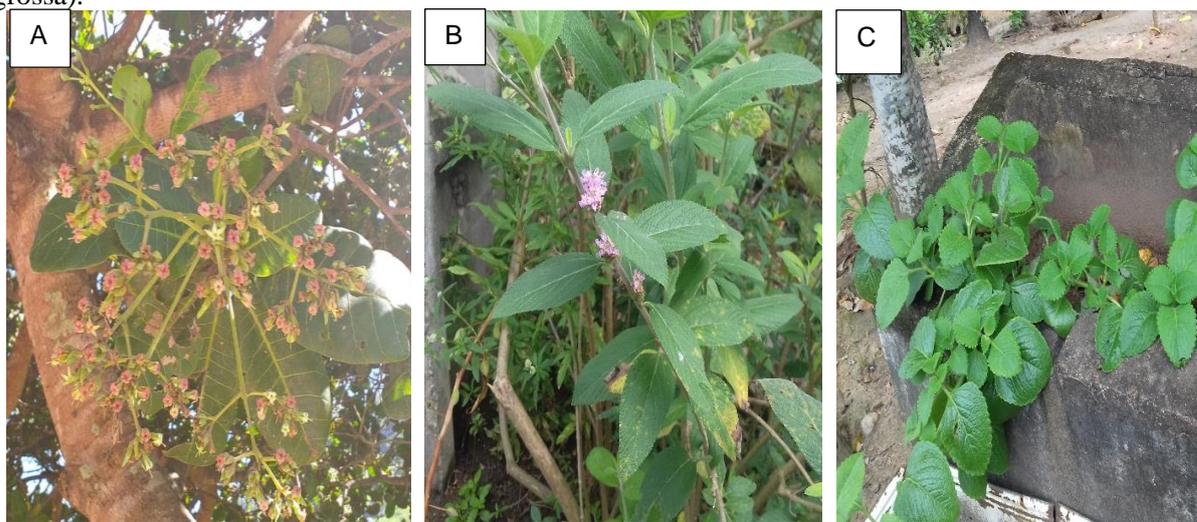
Tabela 1- Lista das plantas medicinais mais citadas pelos moradores das comunidades de Ouricuri e Poço Escuro, Pilões-PB. NV= Nome vernacular, O = Origem, N = nativa, E = exótica, NC= nº de citações.

Família	Espécies	NV	O	NC
Anacardiaceae	<i>Anacardium occidentale</i> L	Caju roxo	N	39
Verbenaceae	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br.	Erva-cidreira	E	39
Lamiaceae	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spr.	Hortelã da folha grossa	E	39
Poaceae	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf.	Capim santo	E	35
Rutaceae	<i>Citrus maxima</i> (burm. ex rumph.) merr.	Laranja	E	35
Anacardiaceae	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Aroeira	N	33
Lamiaceae	<i>Mentha x piperita</i> L.	Hortelã da folha miúda	E	33
Lythraceae	<i>Punica granatum</i> L.	Romã	E	28
Xanthorrhoeaceae	<i>Aloe vera</i> (L.) Brum. F.	Erva babosa	E	26
Bixaceae	<i>Bixa orellana</i> L.	Açafrão	N	25

O Caju roxo (*A. occidentale*) constituiu na espécie nativa mais citadas para os usos medicinais nas duas comunidades. Esta espécie é amplamente distribuída no território brasileiro. O uso preferencial da casca e entrecasca utilizada principalmente para a preparação de molho, banho e a preparação de garrafadas que seja como molho ou de bebida com teor de álcool geralmente sendo feitas com vinho ou cachaças (SILVA et al., 2014; BRITO et al., 2017). Citado principalmente no tratamento de infecções, essa espécie apresenta uma variedade de ação terapêutica, o cozimento da entrecasca tem ação antisséptico e anti-inflamatório em casos de feridas e úlceras da boca e afecções da garganta (ANDRADE, et al., 2017). Pesquisas na região do agreste paraibano encontra uma diversidade de usos *A. occidentale*. principalmente para as doenças que afetam os sistemas classificados como as afecções ou dores não definidas e sistema geniturinário (SILVA, et al., 2018; BRITO et al, 2017).

A literatura etnobotânica, mostra uma diversidade de usos atribuídos para as espécies de *A. occidentale*, citados para o tratamento de infecções que atacam os sistemas respiratórios, geniturinário, doenças da pele, problemas bucais etc. Destacada como uma das espécies líder de vendas por raizeiros participantes do estudo etnobotânico de plantas medicinais para problemas bucais no município de João Pessoa (SANTOS et al., 2009). E também em pesquisa realizada com raizeiros da feira livre de Guarabira-PB, principalmente com a comercialização da entrecasca da planta (ALVES, et al., 2016).

Figura 8 - Espécies mais citadas pelos moradores das comunidades estudadas, A - *Anacardium occidentale*. (caju roxo), B- *Lippia alba* (Erva-cidreira). e C *Plectranthus amboinicus* (Hortelã da folha grossa).



Fonte: Andrade (2019).

Lippia alba, é uma espécie exótica comumente cultivada em todo território brasileiro, sendo utilizada na medicina tradicional, principalmente para tratar as enfermidades que agridem o sistema digestório. O uso do chá da *Lippia alba* é amplamente registrada na literatura etnofarmacológica, tanto pelo seu sabor agradável e pela a ação antiansiolítica (LORENZI; MATOS, 2002). O *C. citratus* cultivado em quase todos os países tropicais inclusive no Brasil, seu uso é amplamente difundido de Norte a Sul do país da forma de um chá de aroma e sabor agradável de ação calmante e espamolítica, além de ser bastante utilizado para afecções do sistema digestório (LORENZI; MATOS, 2002).

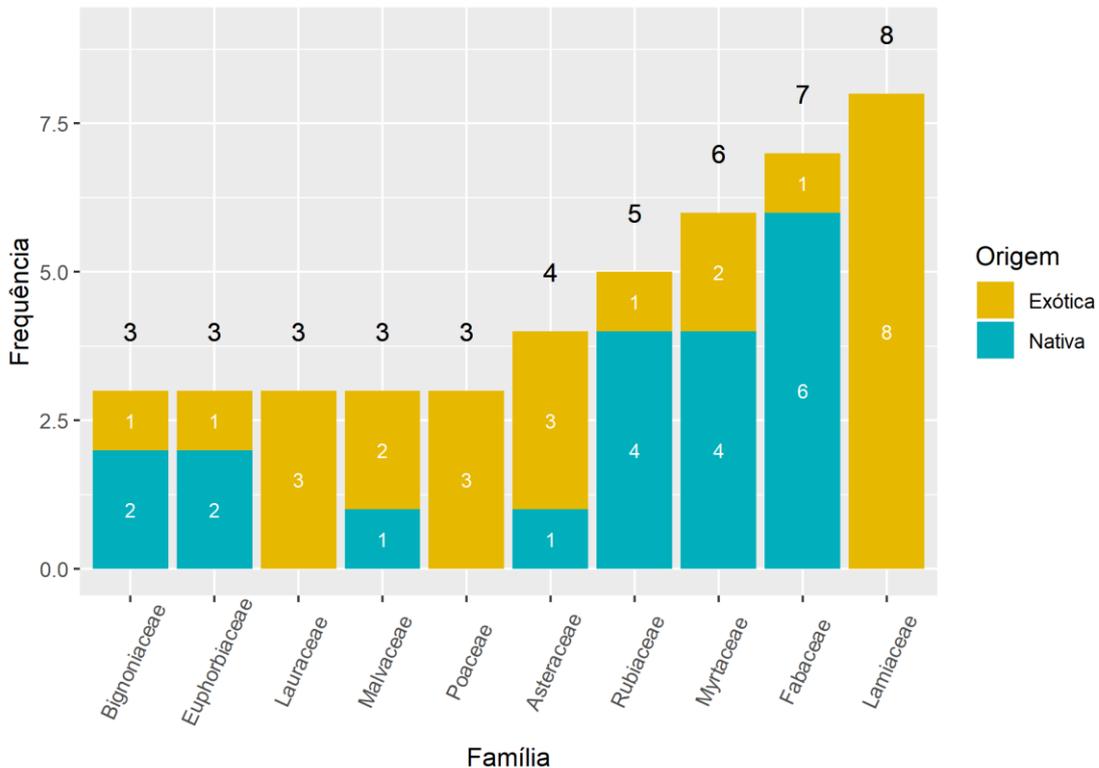
A *L. alba*, e o *P. amboinicus* foram identificadas como sendo utilizada nas preparações caseiras e formato de chá, a *Lippia alba* no tratamento de dores abdominais e desconforto gástricos e *P. amboinicus* foram comumente citado para os preparos de lambedor e xarope, muito utilizados no tratamento de afecções do sistema respiratório como tosse e gripe,

destacados nas pesquisas no Agreste paraibano como líder de citações de usos (SILVA et al., 2014; SILVA, et al., 2018, ANDRADE et al, 2019).

O conhecimento botânico local, mostrou que os entrevistados contêm um arsenal de espécies citadas na produção do sistema médico local das comunidades estudadas, observa-se espécies como *A. occidentale* que apresenta valores diferentes quanto aos usos na comunidade de Poço Escuro. Tais informantes destacam a importância que essa planta tem para os mesmos. Tais situação é explicada por Jain e Agrawal (2005), que mencionam que os seres humanos desenvolveram historicamente um conjunto articulado com informações para tratamento de doenças, formando, assim, os sistemas médicos. Portanto, os sistemas médicos representam, conhecimentos e práticas que envolvem o reconhecimento e a identificação de doenças, experiências acerca dos sinais e sintomas, além das estratégias e alternativas de tratamentos, com o uso de plantas e animais, além de verificação dos resultados terapêuticos (KLEINMAN, 1978; FERREIRA JÚNIOR, et al., 2018).

Em relação às famílias botânicas, as espécies registradas encontram-se classificadas em 47 famílias botânicas (Figura 9). As famílias que mais se destacaram quanto ao número de espécies foram a Lamiaceae (n=8 espécies, exóticas), Fabaceae (n= 7 espécies, sendo 6 nativas e 1 exótica), e a Myrtaceae (n=6 no total de espécies, sendo 4 nativas e 2 exóticas) (Figura 9).

Figura 9 - Famílias botânicas que obtiveram maiores números de espécies. Azul = espécies nativas, Amarela= espécies exóticas.



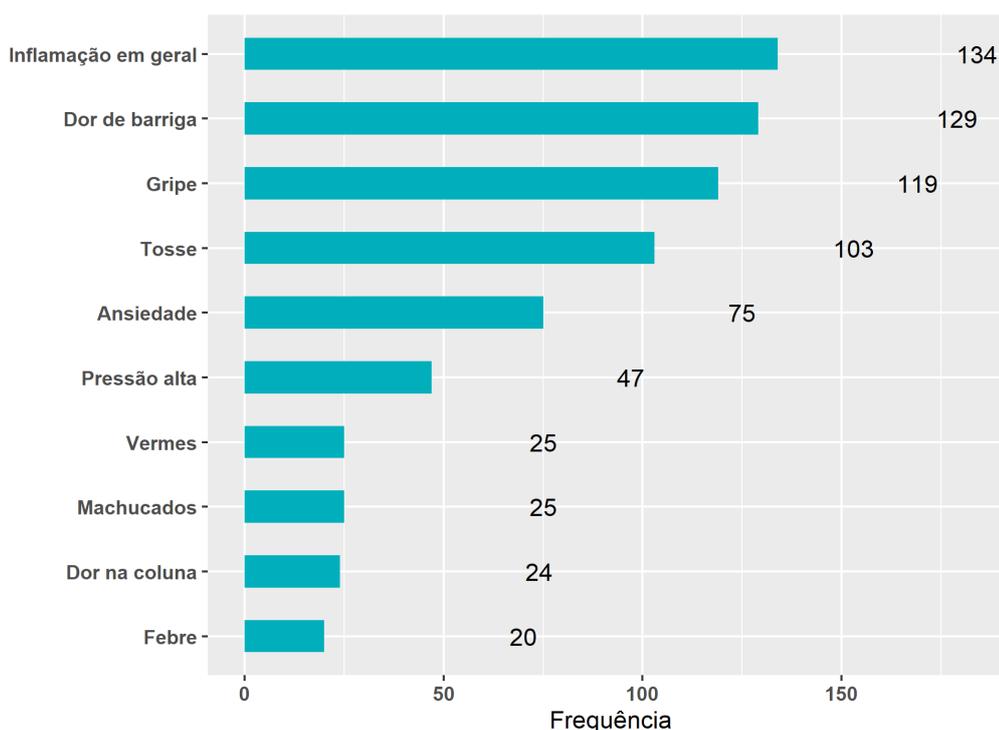
Fonte: dados da pesquisa (2019)

Estas famílias destacam-se em estudos etnobotânicos, identificados em diferentes regiões do Brasil, como os estudos de farmacopeias tradicionais em comunidades da Caatinga (ALENCAR, 2012); Lemos e Araújo (2015) na comunidade de Curral Velho, Luís Correia, Piauí, Brasil; Vásquez et al., (2014), em comunidades ribeirinhas do Município de Manacapuru, Amazonas, Brasil; Ribeiro et al., (2014), no Distrito de Aratama, no Município de Assaré, Ceará. Em áreas de agreste paraibano no município de Cuitegi-PB as pesquisas de Silva et al., (2018), destacam principalmente a família da Fabaceae com o maior número de espécies encontrada no levantamento etnobotânico.

As indicações terapêuticas obtiveram 98 citações de usos. Dentre as afecções citadas, as que apresentaram os maiores números foram: inflamação no geral n=134; dor de barriga n=129, gripe n=119, tosse n=103, ansiedade n=75, pressão alta n=47, verme n= 25 (Figura 10).

As doenças citadas como inflamação no modo geral, as que atacam o sistema respiratório e as afecções ligadas a trato digestivo, são amplamente citadas em estudos etnobotânicos na região Nordeste: no Rio Grande do Norte, (ROQUE; LOIOLA, 2009; SILVA, 2018), no estado da Bahia (MOTA; DIAS, 2012; SANTOS et al., 2017) e em Pernambuco (RODRIGUES; ANDRADE, 2014; MACEDO et al., 2016).

Figura 10 - Principais indicações terapêuticas

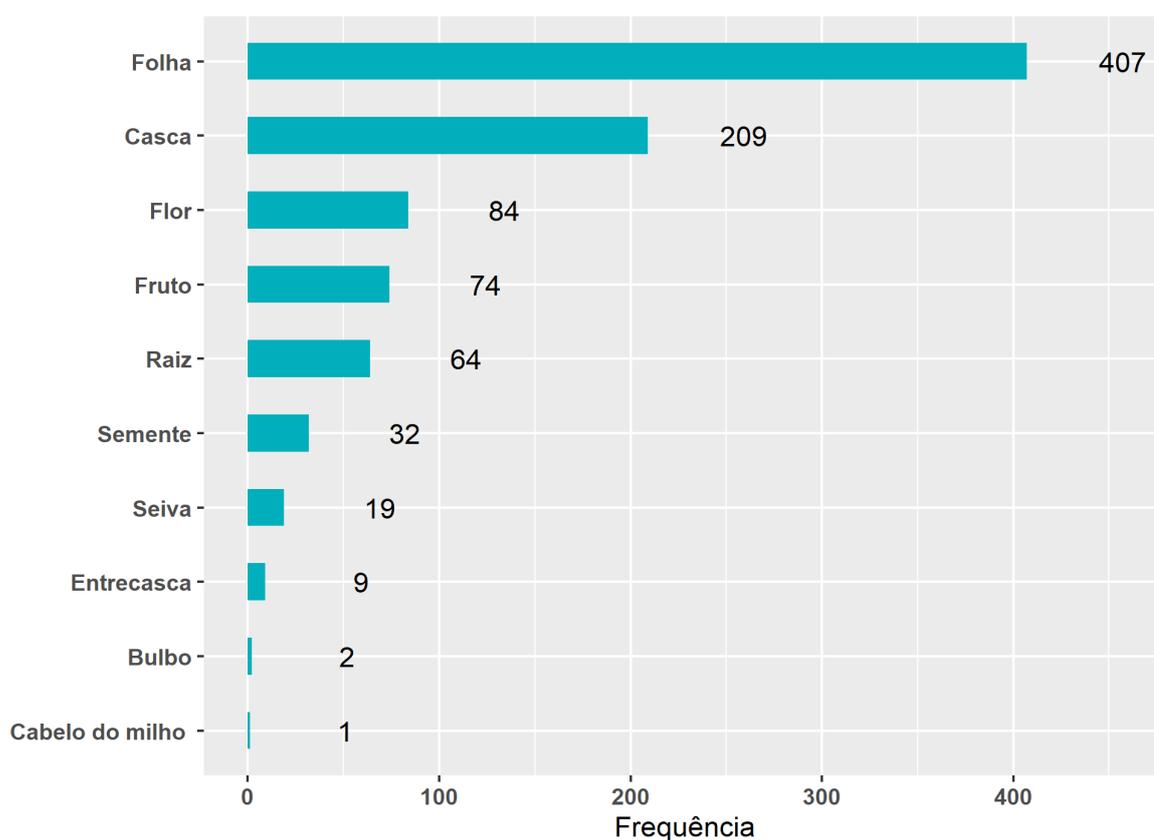


Fonte: dados da pesquisa (2019)

No caso das afecções que acometem o sistema digestório, podem ter uma relação com a contaminação da água por patógenos durante o consumo, pois a comunidade não dispõe de rede de abastecimento público de água. Tais resultados, corroboram com a pesquisa etnobotânica realizada no Rio Urubueua de Fátima, Abaetetuba-Pará, Brasil. Os resultados mostraram que a ocorrência de diarreia e parasitoses intestinais pode ser atribuída à falta de saneamento básico (MOURA, et al., 2016).

Quanto às partes das plantas mais utilizadas nos preparos caseiros destacam-se as folhas com n= 407 citações, a casca n=209, flor n= 84, fruto n=74, raiz n= 64, Semente n=32, entrecasca n=9 (Figura 11).

Figura 11 - Parte utilizadas das plantas.



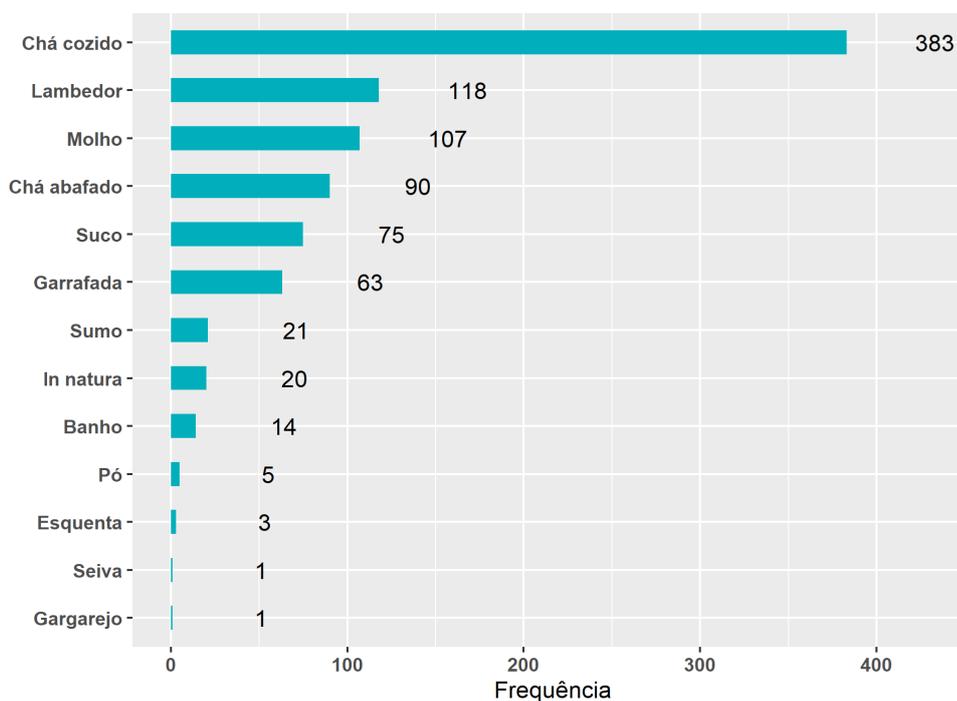
Fonte: dados da pesquisa (2019)

Os usos das folhas das plantas citados como preferência, além do uso da casca, no caso da pesquisa na comunidade de Poço escuro os entrevistados demonstraram uma preferência no uso da casca da espécie *A. occidentale* no uso para tratamento e cura de diversas patologias. Santos et al., (2016) apresentam como resultado semelhante sobre o uso das folhas para as preparações de chás, esse fator afirma-se devido a frequente utilização das herbáceas exóticas cultivadas em quintais (FERREIRA et al., 2016).

A preferência pelo uso das folhas nos usos medicinais deriva de diversas formas de preparo, além das comunidades estudadas estarem em áreas de Brejo de altitude, no qual existem a predominância de espécies com a disponibilização das folhas praticamente em todas as estações do ano (VÁSQUEZ et al., 2014; MOURA et al., 2016; GOIS et al., 2016; MARTINS; COSTA, 2016). Essa preferência pode ser justificada pela facilidade de coleta ou pela disponibilidade ao longo do ano. Geralmente se concentra grande parte dos princípios ativos da planta nas folhas (MARTINS; COSTA, 2016; NERI et al., 2018). Além, da utilização das folhas, ser um fator resultante do processo em que as pessoas buscam retirar as partes do vegetal que possam ser repostas o mais rapidamente possível pela própria planta. (MEDEIROS et al., 2004).

Às formas de usos com números expressivos de citações das plantas destaca-se o chá de forma cozido $n=383$, lambedor $n=118$, molho $n=107$, chá abafado com $n=90$, suco $n=75$, garrafada $n=63$, sumo $n=21$ (Figura 12). O preparo de chás em infusão ou decoção, no caso da infusão quando se tem preferências por chás mais fortes, ou de parte de plantas como casca, raiz e sementes. Tal resultado corrobora com estudo realizados por Moura et al., (2016) nesse caso, o modo de uso dos chás na forma de decoção, reportava-se as questões que os parâmetros de qualidade da água essa preparação é a mais adequada.

Figura 12- Modo de preparo.



Fonte: dados da pesquisa (2019).

Em estudo realizada em comunidades ribeirinhas do Município de Manacapuru, Amazonas, Brasil, os entrevistados informaram que a infusão é recomendada quando se utiliza as partes das plantas, como folhas, flores, inflorescências e frutos, sendo importante não ferver a planta (VÁSQUEZ et al., 2014).

Tais informações encontram-se inseridas em um arsenal de pesquisas com plantas medicinais no estado da Paraíba em diversas áreas em assentamentos no litoral paraibano (BRITO, et al, 2017). Em comunidades rurais no agreste paraibano (SILVA et al., 2014; SILVA et al., 2018). Como também em estudo em áreas de Caatinga no estado de Pernambuco ALBUQUERQUE, 2006; ALBUQUERQUE, et al., 2007; ALBUQUERQUE et al, 2010; ALENCAR, et al., 2012).

4.2 Valor de uso e importâncias das plantas medicinais

Os resultados do VUg, apresentaram que as espécies que obtiveram os maiores valores na comunidade de Ouricuri, foram: *Bixa orellana* L. (Açafrão) VUg = 0,68; *Mentha x piperita* L. (Hortelã da folha miúda) VUg = 0,68, *Plectranthus amboinicus* Lour.) Spr. (Hortelã da folha grossa) VUg = 0,68, essas espécies são muito comuns na comunidade, sendo praticamente encontrada em todas as residências, *B. orellana* inclusive uma das principais fontes de renda da comunidade.

B. orellana L. (Açafrão) é utilizada na medicina local no preparo de molho e emplastos para quebras e lesões ósseas. A espécie foi citada em estudo etnobotânico de plantas medicinais em comunidades ribeirinhas do Município de Manacapuru, Amazonas, na qual, foi citado o chá das sementes para o tratamento contra veneno de cobra (VÁSQUEZ et al., 2014).

Nos resultados da comunidade de Poço Escuro as espécies que obtiveram os maiores valores na comunidade de Ouricuri, foram: *A. occidentale* (caju roxo) VUg = 0,9; *P. amboinicus*. (Hortelã da folha grossa) VUg = 0,87, *L. alba* VUg = 0,87.

O uso de *A. occidentale* (caju-roxo), se assemelha a pesquisas realizadas em comunidade rural no município de Cuitegi-PB, Agreste Paraibano, destacando-a para a manutenção do sistema médico local utilizado principalmente para o tratamento de inflamações (SILVA et al., 2018).

Já na comunidade de Ouricuri, quanto ao VUa as espécies que obtiveram os maiores índices foram: A *Citrus maxima* (Burm. ex Rumph.) Merr. (Laranja) (VUa 0,4), *Citrus Lemon* (L.) Burm. f. (Limão) (VUa 0,27), e *Lippia alba* (Erva-cidreira) (VUa 0,2).

Citrus maxima (Laranja), é indicada principalmente para o tratamento de doenças que afetam o sistema respiratório como tosse, resfriado, gripe e também no combate a ansiedade e insônia. Corroborando com os resultados obtidos, o estudo etnobotânico realizado na comunidade de Santa Bárbara, Santa Catarina, Brasil. Onde a espécie foi citada para os usos medicinais como: calmante, dor de barriga e fortificante (MEYE et al., 2012).

As espécies que obtiveram maior VUa na comunidade de Poço Escuro foram *A. occidentale* (Caju roxo) (VUa = 0,52), *L. alba* (Erva-cidreira) (VUa = 0,44), *C. citratus*. (Capim santo) (VUa = 0,36).

Quanto as informações dos valores de uso potencial para a comunidade de Ouricuri, *M. piperita* (Hortelã da folha miúda) obteve o VUp = 0,68, *B. orellana* (Açafrão) (VUp = 0,68), *A. occidentale* (VUp = 0,58).

Quanto as informações dos valores de uso potencial para a comunidade de Poço Escuro, o *P. amboinicus* (Hortelã da folha grossa) obteve o (VUp = 0,68), *M. piperita* (Hortelã da folha miúda) (VUp = 0,57) *Myracrodruon urundeuva* Allemão (Aroeira) com (VUp = 0,57).

Levantamentos etnobotânicos realizado em áreas de Caatinga destacam as espécies de *M. urundeuva* (Aroeira); *A. occidentale* (Caju roxo) pelos seus diversos usos, principalmente na utilização no manejo na prevenção e cura de enfermidades dos moradores das comunidades rurais do semiárido nordestino (LUCENA et al., 2012; ALBUQUERQUE, 2006; ALBUQUERQUE; OLIVEIRA, 2007; ALENCAR, 2012).

As espécies de maiores versatilidades para a comunidade de Ouricuri, são *L. alba* (Erva-cidreira) (IR = 2,00), *C. citratus* (capim santo) (IR = 2,00) *P. amboinicus* (Hortelã da folha grossa) (IR = 1,67) apresenta-se as principais espécies de maiores números de importância para os moradores da comunidade.

As espécies mais versáteis na comunidade de Poço Escuro, com destaque são *L. alba* (Erva-cidreira) (IR = 2,00), *A. occidentale* (Caju roxo) (IR = 1,54) e a *M. piperita* (Hortelã da folha miúda) (IR = 1,44) que se apresentam como as principais espécies de maiores números de importância para os moradores da comunidade.

Tabela 2- Família, nome científico, nome popular, Valor de uso Geral (VUg), valor de uso atual (VUa), valor de uso potencial (VUp) e Importância Relativa (IR).

Família	Nome Científico	Nome Popular	UVg		UVat		VUp		IR	
			OR	PE	OR	PE	OR	PE	OR	PE
Adoxaceae	<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schltdl.	Sabugueira	0,26	0,43	0,07	0,20	0,21	0,27	1,05	1,00
Agavaceae	<i>Agave Sisalima perr</i>	Agave	0,00	0,07	0,00	0,00	0,00	0,07	0,00	0,24
Amaranthaceae	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Anador	0,00	0,13	0,00	0,12	0,00	0,03	0,00	0,65
Anacardiaceae	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Caju roxo	0,63	0,90	0,07	0,52	0,58	0,47	1,26	1,54
	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Aroeira	0,58	0,73	0,13	0,20	0,47	0,57	1,18	1,35
Annoniaceae	<i>Annona muricata</i> L.	Graviola	0,16	0,00	0,00	0,00	0,16	0,00	0,56	0,00
Apiaceae	<i>Pimpinella anisum</i> L.	Erva-doce	0,21	0,37	0,00	0,16	0,21	0,23	1,31	0,92
	<i>Daucus carota</i> L.	Cenoura	0,00	0,07	0,00	0,00	0,00	0,07	0,00	0,24
Apocynaceae	<i>Canthranthus roseus</i> (L.) G. Don	Boa noite branca	0,11	0,30	0,00	0,00	0,11	0,30	0,49	0,51
	<i>Croton Heliotropiifolius</i> Kumth	Velãme	0,00	0,07	0,00	0,00	0,00	0,07	0,00	0,24
Arecaceae	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coco	0,05	0,03	0,00	0,04	0,05	0,00	0,41	0,21
	<i>Syagrus cearensis</i> Noblick	Coco catolé	0,11	0,10	0,00	0,00	0,11	0,10	0,49	0,45
Asteraceae	<i>Chamomilla recutita</i> (L.) Rauscherte	Camomila	0,26	0,43	0,20	0,20	0,11	0,27	0,72	0,83
	<i>Acanthospermum hispidum</i> DC.	Espinho de cigano	0,00	0,20	0,00	0,04	0,00	0,17	0,00	0,40
	<i>Chapatlia nutans</i> (L.) polok	Lingua de vaca	0,00	0,17	0,00	0,04	0,00	0,13	0,00	0,36
	<i>Lactuca sativa</i>	Alface	0,00	0,03	0,00	0,00	0,00	0,03	0,00	0,21
Bignoniaceae	<i>Fridericia chica</i> (Bompl.) L. G Lahmann	Crajirú	0,00	0,03	0,00	0,04	0,00	0,00	0,00	0,21
	<i>Crescentia cujete</i> L.	Coité	0,00	0,07	0,00	0,08	0,00	0,00	0,00	0,24
Bignoniaceae	<i>Handroanthus impetiginosus</i> (Mart. Ex DC.) Mattos	Pau d'arco roxo	0,00	0,17	0,00	0,08	0,00	0,10	0,00	0,69
Bixaceae	<i>Bixa orellana</i> L.	Açafrão	0,68	0,40	0,00	0,08	0,68	0,33	1,67	0,96
Brassicaceae	<i>Nasturtium officinale</i>	Agrião	0,00	0,27	0,00	0,12	0,00	0,17	0,00	0,47
Chenopodiaceae	<i>Beta vulgaris</i> L.	Beterraba	0,05	0,00	0,00	0,00	0,05	0,00	0,41	0,00
	<i>Chenopodium ambrosioides</i> Hance	Mastruz	0,32	0,60	0,07	0,12	0,26	0,50	1,13	1,03
Convolvulaceae	<i>Operculina hamiltonii</i> (G.Don) D.F.Austin & Staples	Batata de pulga	0,11	0,10	0,00	0,08	0,11	0,03	0,49	0,28
Crassulaceae	<i>Kalanchoe brasiliensis</i> Camb.	Saião	0,32	0,37	0,00	0,12	0,32	0,27	0,79	0,59
	<i>Kalanchoe daigremontiana</i> Raym Hamet. & H	Aranto	0,00	0,07	0,00	0,04	0,00	0,03	0,00	0,24
Cucurbitaceae	<i>Sechium edule</i> (Jacq.) Sw.	Chuchu	0,32	0,43	0,07	0,16	0,26	0,30	0,79	0,67
	<i>Cucumis sativus</i> L.	Pepino	0,00	0,07	0,00	0,00	0,00	0,07	0,00	0,24
Euphorbiaceae	<i>Croton blanchetianus</i> Baill.	Marmeleiro	0,00	0,07	0,00	0,00	0,00	0,07	0,00	0,24
	<i>Jatropha multiflora</i> L.	Amoxicilina	0,00	0,13	0,00	0,04	0,00	0,10	0,00	0,32

	<i>Ricinus communis</i> L.	Carrapateira	0,00	0,03	0,00	0,04	0,00	0,00	0,00	0,21
Fabaceae	<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell) Brenan	Angico	0,32	0,40	0,00	0,04	0,32	0,37	1,46	1,13
	<i>Cajanus cajan</i> (L.) Millsp.	Guandú	0,16	0,00	0,00	0,00	0,16	0,00	0,56	0,00
	<i>Hymenoca courbaril</i> L.	Jatobá	0,11	0,33	0,00	0,12	0,11	0,23	0,82	1,05
	<i>Libidibia ferrea</i> (Mart. Ex Tul.) L. P. Queiroz	Jucá	0,16	0,13	0,00	0,00	0,16	0,13	1,23	0,32
	<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville	Barbatimão	0,11	0,33	0,00	0,20	0,11	0,17	0,49	0,72
	<i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A. C. Sm.	Cumarú	0,00	0,23	0,00	0,00	0,00	0,23	0,00	0,60
	<i>Erythrina velutina</i> Willd.	Mulungu	0,00	0,17	0,00	0,08	0,00	0,10	0,00	0,36
	Geraniaceae	<i>Pelargonium graveolens</i> L'Hér.	Malva Rosa	0,05	0,03	0,00	0,00	0,05	0,03	0,41
<i>Digitaria Insularis</i> (L.) Fedde		Capim amargoso	0,00	0,07	0,00	0,00	0,00	0,07	0,00	0,24
Lamiaceae	<i>Aeollanthus suaveolens</i> Mart.	Macassá	0,05	0,23	0,00	0,12	0,05	0,13	0,41	0,60
	<i>Mentha x piperita</i> L.	Hortelã da folha miúda	0,68	0,67	0,00	0,12	0,68	0,57	1,67	1,44
	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjerição	0,05	0,00	0,00	0,00	0,05	0,00	0,41	0,00
	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spr.	Hortelã da folha grossa	0,68	0,87	0,13	0,32	0,58	0,60	1,67	1,33
	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Boldo	0,47	0,37	0,07	0,08	0,42	0,30	1,03	0,59
	<i>Plectranthus unguentarius</i> Codd	Hortelã de homem	0,05	0,10	0,00	0,00	0,05	0,10	0,41	0,45
	<i>Rosmarinus officinalis</i>	Alecrim	0,26	0,23	0,13	0,08	0,16	0,17	1,05	0,60
	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjerição	0,00	0,03	0,00	0,00	0,00	0,03	0,00	0,21
Lauraceae	<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Breyn.	Canela	0,21	0,30	0,00	0,00	0,21	0,30	1,31	0,85
	<i>Laurus nobilis</i>	Louro	0,21	0,17	0,00	0,00	0,21	0,17	0,64	0,36
	<i>Persea americana</i> Mill.	Abacate	0,00	0,07	0,00	0,04	0,00	0,03	0,00	0,24
Leguminosae	<i>Cemosrigna pyramidalis</i> Tul.	Catingueira	0,00	0,20	0,00	0,08	0,00	0,13	0,00	0,40
Liliaceae	<i>Allium cepa</i> L.	Cebola branca	0,11	0,07	0,00	0,00	0,11	0,07	0,49	0,24
Linaceae	<i>Cephaelis ipecacuanha</i>	Papaconha	0,00	0,07	0,00	0,08	0,00	0,00	0,00	0,24
Loasaceae	<i>Aosa rupestres</i> (Gardner) Weigend	Urtiga branca	0,11	0,33	0,07	0,12	0,05	0,23	0,49	0,55
Lythraceae	<i>Punica granatum</i> L.	Romã	0,53	0,60	0,13	0,24	0,42	0,40	1,44	1,03
Malpighiaceae	<i>Malpighia puniceifolia</i> L.	Acerola	0,00	0,03	0,00	0,04	0,00	0,00	0,00	0,21
Malvaceae	<i>Abelmoschus esculentes</i> (L.) Moench.	Quiabo	0,05	0,00	0,00	0,00	0,05	0,00	0,41	0,00
	<i>Hibiscus sinesis</i> L.	Malvão	0,11	0,13	0,00	0,00	0,11	0,13	0,49	0,49
	<i>Ceiba glaziovii</i> (Kuntze) K.Schum.	Barriguda	0,00	0,20	0,00	0,08	0,00	0,13	0,00	0,56
Moringaceae	<i>Moringa oleifera</i> Lam.	Moringa	0,00	0,03	0,00	0,04	0,00	0,00	0,00	0,21
Musaceae	<i>Musa X paradisiaca</i> L.	Banana	0,11	0,23	0,00	0,08	0,11	0,17	0,49	0,60
Myrtaceae	<i>Eucalyptus globulus</i> Labill	Eucalipto	0,26	0,30	0,00	0,20	0,26	0,13	1,05	0,68
	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitanga	0,05	0,47	0,00	0,12	0,05	0,37	0,41	0,71
	<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba	0,21	0,60	0,00	0,16	0,21	0,47	0,64	0,86

	<i>Myrciaria jaboticaba</i> (Vell.) O. Berg	Jaboticaba	0,00	0,07	0,00	0,00	0,00	0,07	0,00	0,24
	<i>Psidium cattleyanum</i>	Araçá	0,00	0,07	0,00	0,00	0,00	0,07	0,00	0,24
	<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels	Oliveira	0,00	0,03	0,00	0,04	0,00	0,00	0,00	0,21
Nyctaginaceae	<i>Guapira hirsuta</i> (Choisy) Lundell.	João mole	0,05	0,00	0,00	0,00	0,05	0,00	0,41	0,00
Oxalidaceae	<i>Averhoa carambola</i> L.	Carambola	0,11	0,03	0,00	0,04	0,11	0,00	0,49	0,21
Passifloraceae	<i>Passiflora edulis</i> Sims	Maracujá	0,11	0,27	0,13	0,32	0,00	0,00	0,49	0,64
Pedaliaceae	<i>Sesamum indicum</i> L.	Gergelin	0,05	0,00	0,00	0,00	0,05	0,00	0,41	0,00
Phyllanthaceae	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Quebra-pedra	0,32	0,03	0,00	0,04	0,32	0,00	0,79	0,21
	<i>Petiveria alliacea</i> L.	Tipí	0,00	0,13	0,00	0,16	0,00	0,00	0,00	0,49
Piperaceae	<i>Piper nigrum</i> L.	Pimenta do reino	0,00	0,07	0,00	0,00	0,00	0,07	0,00	0,24
Plantaginaceae	<i>Plantago major</i> L.	Tanchagem	0,00	0,10	0,00	0,08	0,00	0,03	0,00	0,28
Poaceae	<i>Cymbopogon citratu</i> s (DC.) Stapf.	Capim santo	0,68	0,73	0,20	0,36	0,53	0,43	2,00	1,35
	<i>Zea mays</i> L.	Milho	0,05	0,03	0,00	0,00	0,05	0,03	0,41	0,21
	<i>Eleusine indica</i>	Capim pé de galinha	0,00	0,07	0,00	0,00	0,00	0,07	0,00	0,24
Rhamnaceae	<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.	Juá	0,00	0,20	0,00	0,12	0,00	0,10	0,00	0,73
Rubiaceae	<i>Borreria verticillata</i> (L.) G. Mey.	Vassoura de botão	0,11	0,13	0,00	0,00	0,11	0,13	0,49	0,32
	<i>Genipa americana</i> L.	Jenipapo	0,21	0,20	0,00	0,00	0,21	0,20	1,31	0,90
	<i>Morinda citrifolia</i> L.	Noni	0,11	0,33	0,00	0,16	0,11	0,20	0,82	0,88
	<i>Coutarea hexandra</i> (Jacq.) K. Schum	Quina-quina	0,00	0,03	0,00	0,00	0,00	0,03	0,00	0,21
	<i>Uncaria tomentosa</i> (Wild) DC	Cipó amarelo	0,00	0,03	0,00	0,00	0,00	0,03	0,00	0,21
Rutaceae	<i>Citrus Limon</i> (L.) Burm. f.	Limão	0,21	0,27	0,27	0,20	0,00	0,10	0,64	0,47
	<i>Citrus maximo</i> (Burm. ex Rumph.) Merr.	Laranja	0,68	0,73	0,40	0,20	0,37	0,57	1,33	1,35
	<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	0,05	0,40	0,00	0,04	0,05	0,37	0,41	0,96
Sapotaceae	<i>Sideroxylon obtusifolium</i>	Quixaba	0,00	0,10	0,00	0,00	0,00	0,10	0,00	0,45
Solanaceae	<i>Solanum lycopersicum</i>	Tomate	0,00	0,07	0,00	0,00	0,00	0,07	0,00	0,24
	<i>Solanum Pamiculatum</i> L.	Jurubeba	0,00	0,10	0,00	0,08	0,00	0,03	0,00	0,45
	<i>Solanum tuberosum</i>	Batata de inglesa	0,00	0,03	0,00	0,00	0,00	0,03	0,00	0,21
Verbenaceae	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br.	Erva-cidreira	0,68	0,87	0,20	0,44	0,53	0,50	2,00	2,00
	<i>Lantana camara</i> L.	Chumbinho	0,00	0,07	0,00	0,00	0,00	0,07	0,00	0,24
Xanthorrhoeaceae	<i>Aloe vera</i> (L.) Brum. F.	Erva babosa	0,37	0,63	0,00	0,28	0,37	0,40	1,54	1,23
Zingiberaceae	<i>Alpina zerumbet</i> (Pers.) B.L. Burtt. & R.M.Sm.	Colônia	0,32	0,00	0,00	0,00	0,32	0,00	1,13	0,00
	<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.	Cana da índia	0,05	0,17	0,00	0,04	0,05	0,13	0,41	0,86
	<i>Zingiber officinale</i> Rosc.	Gengibre	0,00	0,13	0,00	0,04	0,00	0,10	0,00	0,49

Fonte: dados da pesquisa (2019)

4.3 Indicações terapêuticas, Nível de fidelidade e Fator de Consenso do Informante

As principais doenças citadas quanto aos usos e tratadas com plantas medicinais nas comunidades estão classificadas por sistemas corporais na categoria de doenças dos Transtornos do sistema respiratório. Obteve-se 54 usos na comunidade de Ouricuri e 199 usos para a comunidade de Poço Escuro. Nesta categoria está citado como principais doenças: Bronquite, Gripe, Inflamação na garganta, Sinusite, Tosse, Coqueluche, Dor de garganta, Tosse e Gripe. Corresponde as afecções não definidas ou dores não definidas para as comunidades de Ouricuri 63 citações e Poço escuro 117 citações de uso, com destaque para o tratamento de dor de cabeça, dores em geral, febre, inflamação em geral, mal-estar, dor de dente, icterícia.

Afecções não definidas ou dores não definidas, transtornos do sistema respiratório, transtornos do sistema digestório são os sistemas que comumente são elencados em outros trabalhos, referente a etnobotânica de plantas medicinais. Tais resultados corroboram com os observados em inventários e levantamentos etnobotânicos realizados em comunidades rurais no estado do Rio grande do Norte, (ROQUE; LOIOLA, 2009; SILVA, 2018), no estado da Bahia (MOTA; DIAS, 2012; LÓS et al., 2012; FREITAS et al., 2015; SANTOS-LIMA et al., 2016; SANTOS et al., 2017), em Pernambuco (RODRIGUES; ANDRADE, 2014; MACEDO et al., 2016) e em comunidades rurais no agreste da Paraíba (SILVA et al., 2014; ALVES et al., 2016; SILVA et al., 2018).

Tabela 3 - Sistemas corporais, indicações terapêuticas e Fator de Consenso do Informante (FCI) das comunidades de Ouricuri (OR), Poço Escuro (PE).

Sistema Corporal	Espécie	Doenças	Forma de uso	Nº de Usos		FCI	
				OR	PE	OR	PE
Afecções não definidas ou dores não definidas	Manjeriçã, Colônia, Canela, Eucalipto, Malva rosa, Erva babosa, Caju roxo, Angico, Urtiga branca, Jatobá, Jucá, Aroeira, Romã, Arruda, Barbatimão, Coco catolé, Capim santo, Erva-doce, Alecrim, Anador, Cumaru, Papaconha, Colônia, Erva-cidreira, Sabugueira, Cana da índia, Pau d'arco roxo, Noni, Tipí, Jurubeba, Hortelã da folha miúda, Coco	Dor de cabeça, Dores em geral, Febre, Inflamação em geral, Mal-estar, Dor de dente, Icterícia	Chá abafado, Lamberdor, Banho, Chá cozido, Suco, Garrafada, Molho, Pó, In natura	63	117	0,71	0,79
Debilidade física e mental	Capim santo, Erva-cidreira	Falta de apetite	Chá abafado, Chá cozido	4	4	0,67	1

Doenças da pele e do tecido celular subcutâneo	Erva babosa, Juá	Caroços, Caspa	In natura, Pó	1	1	0	0
Doenças das glândulas endócrinas, da nutrição e do metabolismo	Graviola, Jenipapo, Noni, Graviola, Oliveira, Crajirú, Jatobá, Moringa	Colesterol alto, Diabetes, tireoide	Chá cozido, Suco, Chá abafado, lambedor	5	7	0,5	0,17
Doenças do sangue e dos órgãos hematopoéticos	Angico, Canela, Cana da índia, Erva-cidreira, Cipó amarelo	Anemia, Pedras nos rins	Lambedor, Chá cozido	3	2	0	0
Doenças do sistema osteomuscular e do tecido conjuntivo	Jucá, Açafirão, Agave, Erva babosa, Anador, Cana da índia, Coité, Pau d'arco roxo, Banana, Tipí, Quixaba, Coco catolé, Carrapateira, Graviola, Barriguda, Jenipapo	Dor na coluna, Quebradura de ossos, Dor no joelho, Dor nos ossos, Hérnia	Garrafada, Molho, Suco, Chá abafado, Chá cozido, Esquentada, Sumo, in natura	2	34	0	0,55
Doenças infecciosas e parasitárias	Milho, Erva babosa, Hortelã da folha miúda, Batata de pulga, Hortelã da folha grossa	Hepatite, Vermes	Chá cozido, Suco, sumo, lambedor	18	8	0,76	0,86
Lesões da pele e tecido celular subcutâneo	Açafirão, Jenipapo, Erva babosa, Tomate, Jurubeba, Caju roxo, Amoxicilina, Angico, Jatobá	Machucados, Caroços na pele, Cicatrizante, Hemorroidas, Queimadura	Molho, Suco, In natura, Esquentada, Seiva, Sumo	13	33	0,92	0,75
Neoplasias	Aranto	Câncer	Chá cozido, In natura	0	2	0	1
Transtornos do sistema cardiovascular	Gergelin, Vassoura de botão, Quiabo, Carambola, Erva-cidreira, Alecrim, Sabugueira, Chuchu, Graviola, Camomila, Canela, Laranja, Cana da índia, Pepino, Jaboticaba, Maracujá, Erva-doce, Hortelã da folha miúda	AVC, Hemorroidas, Pressão alta, Coração acelerado, Pressão baixa	Pó, Chá cozido, Lambedor, Chá abafado, Suco	15	43	0,5	0,69
Transtornos do sistema digestório	Boldo, Mastruz, Capim santo, Pitanga, Louro, Erva-cidreira, Goiaba, Macassá, Hortelã de homem, Canela, Erva-doce, Guandú, Pimenta do reino, Catingueira, Laranja, Marmeleiro, Velãme, Hortelã da folha miúda, Manjeriço, Araçá, Gengibre, Juá, Angico, Açafirão, Jenipapo, Batata de inglesa	Digestão, Dor de barriga, Dor no estômago, Empachamento na barriga, Enjoo, Inflamação de dente, Azia, Gastrite, Infecção intestinal	Chá cozido, Chá abafado, In natura, Garrafada, Molho, Suco, Pó, Lambedor	47	109	0,76	0,78

Transtornos do sistema gênito-urinário	Noni, Coco, Quebrapetra, Anador, Alface, Abacate, Milho, Barriguda, Pau d'arco roxo, Aroeira, Cana da índia, Malvão, Coco catolé	Inflamação no útero, Inflamação nos rins, Pedras nos rins, cólica, diminuir fluxo menstrual, Infecção na urina, Inflamação na próstata, Pedra nos rins	Suco, Chá cozido, Chá abafado, Garrafada, Banho	8	15	0,71	0,21
Transtornos do sistema nervoso	Camomila, Laranja, Maracujá, Erva-doce, Capim santo, Mulungu, Erva-cidreira, Malva-rosa	Ansiedade, Depressão, Insônia, Memória	Chá cozido, Suco, Chá abafado	22	58	0,86	0,88
Transtornos do sistema respiratório	Jucá, Banana, Angico, Limão, Eucalipto, Jenipapo, Saião, Hortelã da folha grossa, Sabugueira, Romã, João mole, Cebola branca, Colônia, Beterraba, Boa noite branca, Mastruz, Malvão, Jatobá, Hortelã da folha miúda, Gengibre, Espinho de cigano, Cumarú, Vassoura de botão, Língua de vaca, Capim santo, Cenoura, Capim amargoso, Erva-cidreira, Acerola, Aroeira, Agrião, Quixaba, Tanchagem, Quina-quina, Capim pé de galinha, Chumbinho, Hortelã de homem, Barbatimão, Juá, Caju roxo	Bronquite, Gripe, Inflamação na garganta, Sinusite, Tosse, Coqueluche, Dor de garganta, Tosse/Gripe	Lambedor, Suco, Chá cozido, Chá abafado, Garrafada, Molho, Banho, Gargarejo	54	199	0,66	0,82
Transtornos do sistema sensorial (Olhos)	Arruda	Conjuntivite	Sumo	0	1	0	0
Transtornos do sistema sensorial (Ouvidos)	Macassá, Arruda	Dor de ouvido	Molho, sumo	0	16	0	0,93

Fonte: dados da Pesquisa (2019)

De acordo com os sistemas obtidos na pesquisa o sistema respiratório e as Afecções não definidas ou dores não definidas se destacaram com maiores números de espécies indicadas neste tratamento. Tal informação corrobora com os resultados obtidos por Brito et al., (2017), que o Fator de Consenso do Informante indicou as doenças Cansaço, catarro, gripe, pneumonia, tosse, tuberculose, coqueluche, garganta, que corresponde ao sistema respiratório como as mais tratadas. Nesta mesma perspectiva, estudo realizado sobre a Etnobotânica na comunidade de Santa Bárbara, Ascurra, Santa Catarina, mostrou que a categoria de doenças do aparelho

digestório e abdome foi a mais citada, com destaque para o tratamento de dor de barriga e de estômago (MEYER et al., 2012).

Quanto ao nível de fidelidade dos informantes o mesmo foi de 100% para as espécies que corresponde a 34 plantas, apresentadas na tabela 4 indicando que o conhecimento tradicional transmitido de maneira fiel pelos seus detentores. As plantas mais relatadas (Tabela 4) foram encontradas em grande parte das propriedades, o que reafirma a existência de uma série de plantas mais utilizadas entre os moradores das áreas estudadas.

Tabela 4 - Nível de fidelidade (NF) dos informantes comunidade de Ouricuri, Pilões PB

Espécie	Indicação terapêutica	NF
<i>Abelmoschus esculentes</i> (L.) Moench.	Pressão alta	100
<i>Aeollanthus suaveolens</i> Mart.	Dor no estômago	100
<i>Allium cepa</i> L.	Tosse	100
<i>Anacardium occidentale</i> L.	Inflamação em geral	100
<i>Annona muricata</i> L.	Colesterol alto	100
<i>Aosa rupestres</i> (Gardner) Weigend	Inflamação em geral	100
<i>Averhoa carambola</i> L.	Pressão alta	100
<i>Beta vulgaris</i> L.	Tosse	100
<i>Borreria verticillata</i> (L.) G. Mey.	Hemorroidas	100
<i>Cajanus cajan</i> (L.) Millsp.	Inflamação de dente	100
<i>Canthranthus roseus</i> (L) G. Don	Tosse	100
<i>Chamomilla recutita</i> (L.) Rauscherte	Ansiedade	100
<i>Citrus Limon</i> (L.) Burm. f.	Gripe	100
<i>Citrus maxima</i> (Burm. ex Rumph.) Merr.	Ansiedade	100
<i>Cocos nucifera</i> L.	Inflamação nos rins	100
<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.	Pedras nos rins	100
<i>Eugenia uniflora</i> L.	Dor de barriga	100
<i>Guapira hirsuta</i> (Choisy) Lundell.	Sinusite	100
<i>Hibiscus sinesis</i> L.	Tosse	100
<i>Laurus nobilis</i>	Dor de barriga	100
<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Inflamação em geral	100
<i>Ocimum basilicum</i> L.	Dor de cabeça	100
<i>Operculina hamiltonii</i> (G.Don) D.F.Austin & Staples	Vermes	100
<i>Passiflora edulis</i> Sims	Ansiedade	100
<i>Pelargonium graveolens</i> L'Hér.	Febre	100
<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Pedras nos rins	100
<i>Plectranthus unguentarius</i> Codd	Empachamento na barriga	100
<i>Psidium guajava</i> L.	Dor de barriga	100
<i>Ruta graveolens</i> L.	Inflamação em geral	100
<i>Sechium edule</i> (Jacq.) Sw.	Pressão alta	100
<i>Sesamum indicum</i> L.	AVC	100
<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville	Inflamação em geral	100
<i>Syagrus cearensis</i> Noblick	Inflamação em geral	100
<i>Zea mays</i> L.	Hepatite	100

Medeiros et al. (2004) destacam que as plantas presentes em uma determinada área fazem parte do conhecimento local da área estudada, existindo uma relação direta das pessoas com as plantas de tal localidade.

Já no caso da comunidade de Poço Escuro obteve-se o total de 39 espécie que foram obtidas 100 quanto ao nível de fidelidade. No entanto, com a preferência pela utilização de plantas oriundas da própria comunidade, principalmente o que corresponde a quantidade de espécies nativas que são conhecidas e utilizada pela população local, mostra a importância do conhecimento local que é disseminado entre os moradores de uma mesma comunidade (BARBOSA et al., 2019).

Tabela 5 - Nível de fidelidade (NF) dos informantes comunidade de Poço Escuro, Pilões PB.

Espécie	Indicação terapêutica	NF
<i>Agave attenuata</i>	Dor na coluna	100
<i>Allium cepa</i> L.	Gripe	100
<i>Aosa rupestres</i> (Gardner) Weigend	Inflamação em geral	100
<i>Arrebidaea chica</i>	Tireoide	100
<i>Averhoa carambola</i> L.	Pressão alta	100
<i>Caesalpinia pyramidalis</i> Tui.	Dor de barriga	100
<i>Cephaelis ipecacuanha</i>	Dor de dente	100
<i>Cocos nucifera</i> L.	Tiríssia	100
<i>Coutarea hexandra</i> (Jacq.) K. Schum	Tosse	100
<i>Crescentia cujete</i> L.	Dor na coluna	100
<i>Croton blanchetianus</i> Baill.	Dor de barriga	100
<i>Cucumis sativus</i> L.	Pressão alta	100
<i>Daucus carota</i> L.	Gripe	100
<i>Digitaria Insularis</i> (L.) Fedde	Gripe	100
<i>Eleusine indica</i>	Tosse	100
<i>Eugenia uniflora</i> L.	Dor de barriga	100
<i>Jatropha manihot</i>	Cicatrizante	100
<i>Kalanchoe daigremontiana</i> Raym Hamet. & H	Câncer	100
<i>Lactuca sativa</i>	Diminuir fluxo menstrual	100
<i>Lantana camara</i> L.	Tosse	100
<i>Laurus nobilis</i>	Dor de barriga	100
<i>Libidibia ferrea</i> (Mart. Ex Tul.) L. P. Queiroz	Dor na coluna	100
<i>Macrosiphonia velame</i> (St. Hil.) Mull. Arg.	Dor de barriga	100
<i>Malpighia puniceifolia</i> L.	Gripe	100
<i>Myrciaria jaboticaba</i> (Vell.) O. Berg	Pressão alta	100
<i>Ocimum basilicum</i> L.	Dor de barriga	100
<i>Oleifera</i> Lam.	Tireoide	100
<i>Operculina hamiltonii</i> (G.Don) D.F.Austin & Staples	Vermes	100
<i>Pelargonium graveolens</i> L'Hér.	Depressão	100
<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Inflamação no útero	100
<i>Piper nigrum</i> L.	Azia	100

<i>Psidium cattleianum</i>	Dor de barriga	100
<i>Psidium guajava</i> L.	Dor de barriga	100
<i>Ricinus communis</i> L.	Dor no joelho	100
<i>Sechium edule</i> (Jacq.) Sw.	Pressão alta	100
<i>Solanum lycopersicum</i>	Caroços na pele	100
<i>Solanum tuberosum</i>	Gastrite	100
<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels	Colesterol alto	100
<i>Zea mays</i> L.	Infecção na urina	100

Dessa forma, os saberes locais perpetuados entre as famílias, corroboram tanto no atendimento primário de saúde dos moradores das comunidades estudadas, como também na preservação do arsenal de espécies conhecidas localmente. No âmbito dos estudos etnobotânica desenvolvidos nestas comunidades, vem a contribuir e fortalecer as relações entre os habitantes destas e os seus recursos vegetais. Além de apresentar um aparato teórico e metodológico, que contribuem com o desenvolvimento de estudos com a ética científica que façam essa ponte entre a valorização do saber tradicional com o intercambio da ciência.

4.4 Diversidade do Conhecimento de Shannon-Winier e Equitabilidade

O índice de diversidade Shannon-Winier nas comunidades de Ouricuri foi de 3,7, e a Equitabilidade 0,9, em Poço Escuro o índice de Shannon-Winier foi de 4,1, e a Equitabilidade foi de 0,9. Desta forma, os altos níveis de diversidade e equitabilidade se devem especialmente ao elevado número de espécies mencionadas pelos informantes e pelas citações de diferentes espécies em cada domicílio pesquisado. Os altos dos índices de diversidade podem sugerir que a população tem utilizado grande parte da diversidade local. Logo, espera-se que quanto maior a diversidade florística, maior a diversidade de espécies utilizadas (BEGOSSI, 1996).

Tabela 6-Tabela comparativa para índice de diversidade em alguns nas comunidades de Ouricuri e Poço Escuro em comparação com outras comunidades rurais do Brasil.

Informantes	Ouricuri (PB)	Poço Escuro (PB)	APA Tambaba (PB)	Caruarú-PA	Apiúna-SC	Bananal (MT)
Levantamento	Plantas Medicinais	Plantas Medicinais	Plantas Medicinais	Plantas Medicinais	Plantas Medicinais	Geral
Autores	Este trabalho	Este trabalho	Brito et al (2017)	Mesquita et al., (2018)	Tribess et al., (2015)	Miguéis et al., (2019)
Shannon-Winier	3,7	4,1	4,0	1,6	4,8	4,5
Equitabilidade	0,9	0,9	0,9	1,0	0,9	0,9
Número de informantes	19	30	54	30	22	18
Fonte de renda	Agricultura	Agricultura	Agricultura	Agricultura e criação de animais	Agricultura	Agricultura
Comunidade	Comunidade rural	Comunidade rural	Comunidade rural	Comunidade rural	Comunidade rural	Comunidade rural

Fonte: dados da pesquisa (2019)

Os resultados mostram que as comunidades apresentam uma diversidade de riqueza de espécies, porém chama-se atenção para a comunidade de Poço Escuro, pois esta apresenta os índices de diversidade mais alto que Ouricuri. Para os resultados para a comunidade de Ouricuri, mais impactos ambientais possivelmente pela atividade turística que existem na comunidade ocasionado um fluxo mais alto de cobertura vegetal descoberta para a atividade turística no caso o turismo ecológico.

Quando esses valores de diversidade são comparados com valores encontrados em outros trabalhos realizados em áreas de Mata Atlântica, é possível observar que os valores do índice de diversidade de Shannon-Wiener são bastante altos, com valores similares aos de outros estudos (PINTO et al., 2006; BORGES; PEIXOTO, 2009, BRITO et al., 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As espécies de maior destaque entre os informantes das duas comunidades são o *A. occidentale* (caju roxo), *L. alba* (Erva-cidreira) e *P. amboinicus* (Hortelã da folha grossa). Amplamente utilizadas para as doenças que atacam o sistema digestório e respiratório, *A. occidentale*, além disso, contempla o tratamento das doenças de causas inflamatórias.

A pesquisa identificou que os moradores das comunidades possuem conhecimentos e utilizam as plantas medicinais, no tratamento primário de diversas patologias principalmente para as inflamações de modo geral, sistemas digestório e respiratório, sendo as folhas e as cascas de uso preferencial nas preparações dos chás, molho, lambedor.

Diante do cenário observado nas comunidades, constatou-se que os informantes têm uma ligação maior no cuidado com as plantas e também com a conservação do ambiente local. Principalmente em manutenção de espécies para os usos medicinais. Existem uma ligação entre as espécies cultivadas nos quintais e as citações de usos.

Já no caso das plantas citadas na comunidade de Poço Escuro, destaca-se a relação entre os valores de Uso, geral, atual, e Importância Relativa para espécies *A. occidentale* (caju roxo), amplamente citada, utilizada e indicada pelos moradores. Também se registra em contato direto na comunidade os indivíduos de *A. occidentale*, que passam por um processo constante de retirada de casca e entrecasca da planta em alguns ocasionando doenças e até a morte da planta pelo excesso de retirada da casca.

Os resultados obtidos neste estudo podem ser usados como aparato teórico para o desenvolvimento de pesquisa de maior amplitude, que busquem consolidar as informações relativas às espécies medicinais além de valorização cultural associada ao desenvolvimento das comunidades rurais, de modo a contribuir para um maior engajamento dessas comunidades no que diz respeito à valorização do conhecimento local e conservação dos recursos naturais.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, U. P. **Introdução à Etnobotânica**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2005. p.93
- ALBUQUERQUE, U. P.; ANDRADE, L.H.C. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. **Rev. Acta Bot. Bras.** v.16, 2002. p.273-285.
- ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA. R. F. P.; ALENCAR, N. L. Métodos e técnicas para coleta de dados etnobiológicos. In: ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA.R.F.P.; CUNHA, L. V. F. C. **Métodos na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**. Recife: NUPEEA, 2010. p. 41-64.
- ALBUQUERQUE, U. P.; NUNES, A. T.; ALMEIDA, A. L. S.; ALMEIDA, C. M. A. D.; LINS NETO, E. M. F.; VIEIRA, F. J.; SILVA, F. S.; SOLDATI, G. T.; NASCIMENTO, L. G. S.; SANTOS, L. L.; RAMOS, M. A.; CRUZ, M. P.; ALENCAR, N. L.; MEDEIROS, P. M.; ARAÚJO, T. A. S.; NASCIMENTO V. T. Caatinga: biodiversidade e qualidade de vida. Bauru-SP: Canal 6, 2010.
- ALBUQUERQUE, U. P.; RAMOS, M. A.; JÚNIOR, W. S. F.; MEDEIROS, P. M. **Ethnobotany for Beginners**. Springer briefs in plant Science, 2017.
- ALBUQUERQUE, U.P., OLIVEIRA, R. F. Is the use-impact on native caatinga species in Brazil reduced by the high species richness of medicinal plants? **Journal of Ethnopharmacology**, 113, 2007, p.156-170.
- ALBUQUERQUE, U.P., Re-examining hypotheses concerning the use and knowledge of medicinal plants: a study in the Caatinga vegetation of NE Brazil. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**. v.2, n.30. 2006, p. 1-10.
- ALENCAR, N. L. **Farmacopéias tradicionais: o papel das plantas medicinais na sua constituição, formação e manutenção em comunidades da Caatinga** (Tese de Doutorado). Programa de Pós-graduação em Botânica -Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2012, 129p.
- ALENCAR, N.L.; MEDEIROS, P.M.; ALBUQUERQUE, U.P. **Atualidade em Etnobiologia e Etnoecologia**. Nupeea/Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2006. p.200.
- ALMEIDA NETO, J. R.; BARROS, R. F. M.; SILVA, P. R. R. Uso de plantas medicinais em comunidades rurais da Serra do Passa-Tempo, estado do Piauí, Nordeste do Brasil. **R. bras. Bioci.** Porto Alegre, v. 13, n. 3, 2015 p.165-175.
- ALMEIDA, C.F.C.B.; ALBUQUERQUE, U.P. Uso e conservação de plantas e animais medicinais no estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil): um estudo de caso. **Interciência**. n.26, 2002, p.276-285.
- ALVES, C. A. B.; SILVA, S.; BELARMINO, N. A. L. A; SOUZA, R. S.; DA SILVA, D. R.; ALVES, P. R. R. Comercialização de plantas medicinais: um estudo etnobotânico na feira livre do município de Guarabira, Paraíba, nordeste do Brasil. **Gaia Scientia**, v10, n.4, 2016.

ALVES, C.A. B.; RIBEIRO, J.E.S.; GUERRA, N. M.; NUNES, M.M.; BARBOSA, E.U.G.; NUNES, E.N.; CARVALHO, T.K.N.; LUCENA, C.M.; SOUTO, J.S.; LUCENA, R. F.P. Conhecimento botânico local sobre *Myracrodruon Urundeuva* Allemão em seis comunidades rurais do semiárido da Paraíba, Nordeste do Brasil. **Gaia Scientia**, v 13, n.1, 2019, p. 60-79.

ANDRADE, A. M. F.; ALVES, C. A.; ARRUDA, L.V.; BERLAMINO, SILVA, G.M.; BEZERRA, I.B; DIAS, J.F.; CAVALCANTE, M.B. SILVA, S. **Inventário etnobotânico de plantas medicinais na comunidade de Titara, Pilões-PB, Nordeste do Brasil**. Anais do Congresso Brasileiro de Gestão Ambiental e Sustentabilidade. Educação ambiental, v.5, 2017.

ANDRADE, A.M. F. et al. Inventário etnobotânico e uso das espécies madeireiras e não madeireiras na comunidade de Ouricuri, Pilões-PB, nordeste do Brasil. **Revista equador**, v. 8, n. 2, p. 399-421, 2019.

BAKER, H.G. et al. **Las plantas y la civilización**. 1968.

BALÉE, W. **Etnobotânica quantitativa dos índios Tembé (Rio Gurupi, Pará)**. Boi. Mus. Paraense Emílio Goeldi. 3, ,1987, p.29- 50.

BARBOSA, S. C. et al. plantas medicinais cultivadas em quintais no Bairro de São Raimundo, da cidade de Manaus, AM. **Revista Terceira Margem Amazônia** | v, v. 4, n. 12, p. 122, 2019.

BARRAU, J. F. L'Étnobotanique au Carrefour des Sciences Naturelles et Humaines. **Bulletin de la Société Botanique de France** 118, 1971, 237-248.

BARRETO, M. R.; SPANHOLI, M. L. Estudo etnobotânico em comunidades rurais de Sinop, Mato Grosso, Brasil. **Interações (Campo Grande)**, v. 20, n. 1, p. 267-282, 2019.

BEGOSSI, A. Resiliência e populações neotradicionais: As caiçaras (mata atlântica) e os caboclos (Amazônia, Brasil). In: DIEGUES, A. C.; MOREIRA, A. C. C. (Org.). **Espaços e recursos naturais de uso comum**. São Paulo: NUPAUB-USP, 2001. p. 205-236.

BENNETT, B.C.; PRANCE, G.T. Introduced plants in the indigenous pharmacopeia of Northern South America. **Rev. Economic Botany**, n.54, 2000, p.90-102.

BOORSTIN, D. J. **Os Descobridores**. Gradiva, Lisboa, 1987.

BORGES, R.; PEIXOTO, A.L. Conhecimento e uso de plantas em uma comunidade caiçara do litoral sul do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** v23, p. 769-779, 2009.

BRITO, M. F. M.; MARÍN, E. A.; CRUZ, D. D. Plantas medicinais nos assentamentos rurais em uma área de proteção no litoral do nordeste brasileiro. **Ambiente & Sociedade**, v. 20, n. 1, p. 83-104, 2017.

CARDOSO, J. S. **Serra do Espinho, Pilões-PB - As trilhas e seu potencial geoturístico - (Curso de Geografia, UEPB-Campus III, na Linha de Pesquisa: Conservação do Meio Ambiente e Sustentabilidade dos ecossistemas**. 2014.

CARVALHO, J.S.B.; MARTINS, J.D.L.; MENDONÇA, M.C.S.; LIMA, L.D. Uso popular das plantas medicinais na comunidade de Várzea, Guaranhuss-PE. **Rev. de Biologia e Ciência da Terra**. v.13, n. 2, 2013, p.58-62.

CARVALHO, L.M.M. **Estudos de etnobotânica e botânica econômica no Alentejo**. Tese de Doutorado. Universidade de Coimbra Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2007, 509p.

COSTA, R. B. et al. plantas medicinais em comunidade tradicional ribeirinha. Cuiabá-MT. **Biodiversidade**, v. 17, n. 1, 2018.

CPRM – Companhia de Recursos Minerais. **Diagnóstico do município de Pilões estado da Paraíba/** Organizado [por] João de Castro Mascarenhas, Breno Augusto Beltrão, Luiz Carlos de Souza Junior, Franklin de Moraes, Vanildo Almeida Mendes, Jorge Luiz Fortunato de Miranda. Recife: CPRM/PRODEEM, 2005.

DAVIS, E. W. Ethnobotany: An Old Practice, a New Discipline. In Richard Evans Schultes & Siri von Reis (ed.). **Ethnobotany Evolution of a Discipline Dioscorides Press**, Portland, Oregon (U.S.A.), 1995, p.40-51.

DIEGUES, A. C. Saberes Tradicionais e Etnoconservação. In: DIEGUES, A. C.; ARRUDA, R.S.V. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente - MMA, 2000 p.211. Disponível em: <<http://livroaberto.ibict.br/bitstream/1/750/2/Biodiversidade%20e%20comunidades%20tradicionais%20no%20Brasil.pdf>>. Acesso em 11 de novembro de 2017.

FERNANDES, T. M. **Plantas medicinais: memória da ciência no Brasil**. Editora Fiocruz, 2004.

FERRAZ, J. S. F.; ALBUQUERQUE, U. P.; MEUNIER, I. M. J. Valor do uso e estrutura da vegetação lenhosa às margens do Riacho do Navio, Floresta, PE, Brasil. **Acta Botânica Brasília**, v. 20, p. 125-134, 2006.

FERREIRA JÚNIOR, W.S.; SANTORO, F.R.; ALBUQUERQUE, U.P. **Nossa História Evolutiva: plantas medicinais e a origem e evolução da medicina**. NUPEEA, 2018, 95p.

FRANCO, F.; FERREIRA, A. P. N. L.; FERREIRA, M. L. Etnobotânica: aspectos históricos e aplicativos desta ciência. **Cadernos de Cultura e Ciência**, v. 10, n. 2, p. 17-23, 2011.

FREITAS, A. V. L. et al. Diversidade e usos de plantas medicinais nos quintais da comunidade de São João da Várzea em Mossoró RN. **Rev. bras. plantas med**, v. 17, n. 4, supl. 2, p. 845-856, 2015.

FRIEDMAN, J.; YANIV, Z.; DAFNI, A.; PALEWITH, D. A preliminar classification of the heling potencial of medicinal plants, based on a rational analysis of na ethnopharmacological field survey among bedouins in the Neveg desert, Israel. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 16, p.275-287, 1986.

GALEANO, G. 2000. Forest use at the Pacific Coast of Chocó, Colombia: a quantitative approach. *Economic Botany* 54 (3): p.358376.

GODELIER, M. A parte ideal do real. **Godelier: Antropologia**. São Paulo: Ática, p. 185-204, 1981.

GOIS, M.A.F.; LUCAS, F.C.A; COSTA, J.C.M; MOURA, P.H.B.; LOBATO, G. DE J.M. Etnobotânica de espécies vegetais medicinais no tratamento de transtornos do sistema gastrointestinal. **Rev. Bras. Pl. Med.**, Campinas, v.18, n.2, 2016. p.547-557.

GOMES, T. M. F.; LOPES, J. B.; BARROS, R. F. M.; ALENCAR, N. L. Plantas de Uso Terapêutico na Comunidade Rural Bezerro Morto, São João da Canabrava, Piauí, Brasil. **Gaia Scientia**, v11, n.1, 2017, p.253-268.

HANAZAKI, N.; TAMASHIRO, J. Y.; LEITÃO-FILHO, H. F. & BEGOSSI, A. Diversity of plant uses in two Caçara communities from the Atlantic Forest coast, Brazil. *Biodiversity and Conservation* 9 (4): 2000, p.597–615.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. 11. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

HASTORF, C. A.; POPPER, V. S. **Current paleoethnobotany: analytical methods and cultural interpretations of archeological plant remains**. 1988.

HAVERROTH, M. Os desafios da pesquisa etnobotânica entre povos indígenas. In: SILVA, V.A.; ALMEIDA, A.L.S.; ALBUQUERQUE, U.P. **Etnobiologia e Etnoecologia: pessoas e natureza na América Latina**. Recife: NUPEEA, 2010, p.133-141.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo demográfico, 2010. Disponível em:<http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados_divulgados/index.php?uf=2> Acesso em 26/08/2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE) **Censo Agropecuário, 2017**. Disponível em: https://censos.ibge.gov.br/agro/2017/templates/censo_agro/resultadosagro/agricultura.html?localidade=25&tema=76406. Acesso em 10 de junho de 2019.

JAIN, S.; AGRAWAL, S. Perception of illness and health care among Bhils: A study of Udaipur District in Southern Rajasthan. **Studies of Tribes and Tribals**, v. 3, n. 1, p. 15-19, 2005.

KLEINMAN, A. Concepts and a model for the comparison of medical systems as cultural systems. **Social Science & Medicine. Part B: Medical Anthropology**, v. 12, p. 85-93, 1978.

KUBO, R.R; TERME, C.M.; BASSI, J.B.; SOUZA, G.C.; O tempo da construção de um trabalho: a pesquisa Etnobiológica gerando pesquisa-ação. In: ARAÚJO, T.A.S; ALBUQUERQUE, U. P. **Encontros e desencontros na pesquisa etnobilógica e etnoecológica: os desafios do trabalho de campo**. Recife: NUPEEA, 2009. 288p.

LEMOS, J. R.; ARAUJO, J. L. Estudo etnobotânico sobre plantas medicinais na comunidade de Cural Velho, Luís Correia, Piauí, Brasil. **Biotemas**, v. 28, n. 2, 2015, p. 125-136.

LEÓN, A. C. et al. La obra escrita de Efraím Hernández Xolocotzi, patrimonio y legado. **Revista de geografía agrícola**, n. 50-51, p. 7-29, 2013.

- LÉVI-STRAUSS, C. **A ciência do concreto**. Campinas: Papyrus, 1989. p. 15-50.
- LÉVI-STRAUSS, C. **O pensamento selvagem**. Tradução de Maria Celeste da Costa e Souza e Almir de Oliveira Aguiar. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1970. 331p.
- LINS, JANISETE RANGEL PONTES; MEDEIROS, AIRON NEVES. Mapeamento da cobertura florestal nativa lenhosa do Estado da Paraíba. João Pessoa: PNUD/FAO/IBAMA/Governo da Paraíba, 1994.
- LÓS, D. W. S.; BARROS, R. P.; NEVES, J. D.S. Comercialização de plantas medicinais: um estudo etnobotânico nas feiras livres do município de Arapiraca-AL. **Biofar**. v. 07, n. 02, 2012.
- LORENZI, H; MATOS, F. J. **Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas**. 2002.
- LUCENA, R. F. P. et al. O uso de espécies vegetais no vale do piacó pode ser explicado por sua disponibilidade local? **Revista de Biologia e Farmácia**, Campina Grande, nesp, 2012
- LUCENA, R. F. P.; MEDEIROS, P. M.; ARAUJO, E. F.; ALVES, A. G. C.; ALBUQUERQUE, U. P. The ecological apparency hypothesis and the importance of useful plants in rural communities from Northeastern Brazil: An assessment based on use value. *Jornal of Environmental Management*, p. 106-115, 2012a.
- LUCENA, R. F. P.; MEDEIROS, P. M.; ARAÚJO, E. F.; ALVES, A. G. C.; ALBUQUERQUE, U. P. The ecological apparency hypothesis and the importance of useful plants in rural communities from Northeastern Brazil: An assessment based on use value. **Journal of Environmental Management**, v.96, n.1, 2012, p.106-115.
- LUCENA, R. F. P.; SOARES, T. C.; VASCONCELOS NETO, C. F. A.; CARVALHO, T. K. N.; LUCENA, C. M.; ALVES, R. R. N. Uso de recursos vegetais da caatinga em uma comunidade rural no curimataú paraibano (Nordeste do Brasil). *Polibotânica*. v. 34, p. 237-258, 2012b.
- MACÊDO, D. G.; RIBEIRO, D. A.; COUTINHO, H. D.; MENEZES, I. R.; SOUZA, M. Práticas terapêuticas tradicionais: uso e conhecimento de plantas do cerrado no estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil). **Boletín Latinoamericano y del Caribe de Plantas Medicinales y Aromáticas**, v.14, n.6, 2016.
- MAIA, E.A.; FRANCISCO, J.; PIRES, T.; MANFREDI-COIMBRA, S. O uso de espécies vegetais para fins medicinais por duas comunidades da Serra Catarinense, Santa Catarina, Brasil. **Rev. de Biologia e Ciência da Terra**. v.11, n. 1, 2011, p.54-74.
- MARTINS, E. S. S; COSTA, J. C. Importância relativa das plantas medicinais comercializadas nas feiras dos municípios de Paulo Afonso-BA, Delmiro Gouveia-AL e Petrolândia-PE. **Opará: Etnicidades, Movimentos Sociais e Educação**, v. 4, n. 5, 2016, p. 63-80.
- MEDEIROS, M. F. T.; FONSECA, V. S.; ANDREATA, R. H. P. Plantas medicinais e seus usos pelos sítiantes da Reserva Rio das Pedras, Mangaratiba, RJ, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, Belo Horizonte, v. 18, n. 2, p. 391-9, jun. 2004.

MEDEIROS, M.F.T. **Etnobotânica histórica: princípios e procedimentos**. Recife: NUPEEA/Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2009, p84.

MESQUITA, Ulliane; TAVARES, Ana Cláudia. Etnobotânica de plantas medicinais em la comunidad de Caruarú, Isla del Mosqueiro, Belém-PA, Brasil. 2018.

MEYER, L.; QUADROS, K. E.; ZENI, A. L. B. Etnobotânica na comunidade de Santa Bárbara, Ascurra, Santa Catarina, Brasil. **Revista brasileira de Biociências**, v. 10, n. 3, p. 258, 2012.

MING, L.C. Ensino da etnobotânica. In: KUBO, R.R.; BASSI, J.B.; SOUZA, G.C.; ALENCAR, N.L.; MEDEIROS, P.M.; ALBUQUERQUE, U.P. **Atualidade em Etnobiologia e Etnoecologia**. Nupeea/Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2006. 200p.

MONTEIRO, M.J.S. **Conhecimento e uso de plantas medicinais nas comunidades de uma unidade de conservação: uma contribuição para a gestão da APA Algodual-Maiandeuá / Márcia Joana Souza Monteiro**. Orientador: Wagner Luiz Ramos Barbosa. - Belém: UFPa, NUMA-PPGEDAM, 2012. 160 f.

MORIN, E. O método IV. As ideias: a sua natureza, vida, habitat e organização. **Portugal: Publicações Europa-América**, p. 13-26, 1991.

MOTA, R.S.; DIAS, H. M. Quilombolas e recursos florestais medicinais no sul da Bahia, Brasil. **Interações (Campo Grande)**, v. 13, n. 2, 2012, p. 151-159.

MOURA, P. H. B.; LUCAS, F. C. A.; TAVARES-MARTINS, A. C. C.; LOBATO, G. D. J. M.; GURGEL, E. S. C. Etnobotânica de chás terapêuticos em Rio Urubueua de Fátima, Abaetetuba-Pará, Brasil. **Biotemas**, v. 29, n. 2, 2016, p. 77-88.

NERI, G. F.; OLIVEIRA, T. L.; OLIVEIRA, V. J. D. S.; BRITO, N. M. Uso de Plantas Medicinais nas Unidades de Saúde da Família do Alto Sobradinho e Cocão do Município de Santo Antônio de Jesus-BA. **Ensaio e Ciência: C. Biológicas, Agrárias e da Saúde**, 2018, v.22, n.1, p.58-62.

OLIVEIRA, F. C. S.; BARROS, R. F. M.; MOITA NETO, J. M. Plantas medicinais utilizadas em comunidades rurais de Oeiras, semiárido piauiense. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 12, n. 3, 2010, p.282-301.

OLIVEIRA, V. J. S. Caracterização das Produções Científicas Sobre Levantamento Etnobotânico de Plantas Medicinais: Revisão Integrativa. **Ensaio e Ciência: Ciências Biológicas, Agrárias e da Saúde**, v. 21, n. 1, p. 42-47, 2017.

OTERO, P. A. Richard Evans Schultes: explorador, científico y maestro. **Revista Boletín Biológica**, v. 31, p. 29-36, 2014.

PARDO DE SANTAYANA, M.; R. MORALES, L. ACEITUNO-MATA; M. MOLINA, EDS. **Inventario Español de los Conocimientos Tradicionales relativos a la Biodiversidad**. Ministerio de Agricultura, Alimentación y Medio Ambiente, Madrid. En prensa. 2014.

PATZLAFF, R. G.; LUNA PEIXOTO, A. A pesquisa em etnobotânica e o retorno do conhecimento sistematizado à comunidade: um assunto complexo. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 16, n. 1, 2009, p.237-246.

PHILLIPS, O. Some quantitative methods for analyzing ethnobotanical knowledge, pp 171-197. In Alexiades, M. (ed.) Selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual, 1996

PHILLIPS, O.; GENTRY, A. H. 1993 a. The useful plants of Tambopata, Peru: I. Statistical Hypotheses Tests with a New Quantitative Technique. **Economic Botany** v.47, n. 1, 1993, p.15-32.

PHILLIPS, O.; GENTRY, A. H. 1993. The useful plants of Tambopata, Peru: II. Additional Hypotheses Testing in Quantitative Ethnobotany. **Economic Botany** v.47, n.1, 1993, p.33-43.

PHILLIPS, O.; GENTRY, A.H.; REYNEL, C.; WILKIN, P. & GÁLVESEDURAND, B.C. Quantitative ethnobotany and Amazonian conservation. **Conservation Biology** n.8, v. 1, 1994, p.225-248.

PINTO, E.P.P; AMOROZO, M.C.M; FURLAN, A. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de mata atlântica-Itacaré, BA, Brasil. **Acta botânica brasílica**, n.20, v.4, 2006, p. 751-762.

POSEY, D. A Indigenous Knowledge and development: an ideological bridge to the future. **Ciência e Cultura**, v. 35, n. 7, 1983.

POSEY, D. Ethnoentomology of de Kayapó Indians of Central Brazil. **Journal of Ethnobiology**, v. 1, n. 1., p.74-165, 1981. 145.

PRANCE, G. T. An Ethnobotanical comparison of four tribes of amazonian Indians. **Acta Amazônica**. v.2, n.2, 1972, p.7-27.

PRANCE, G. T. What is ethnobotany today? **Journal of ethnopharmacology**, v. 32, n. 1-3, p. 209-216, 1991.

REINALDO, L. R. R.; SILVA FILHO, A. M. S.; XAVIER, R. F.; ARRUDA, L. V. **Qualit@s Revista Eletrônica** ISSN 1677 4280, v.14. n.2, 2013), p.1-5.

RIBEIRO, D. A.; MACÊDO, D. G.; OLIVEIRA, L. G. S.; SARAIVA, M. E.; OLIVEIRA, S. F.; SOUZA, M. M. A.; MENEZES, I. R. A. Potencial terapêutico e uso de plantas medicinais em uma área de Caatinga no estado do Ceará, nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v.16, n.4, 2014, p. 912-930.

RODRIGUES, A. P.; ANDRADE, L. H. C. Levantamento etnobotânico das plantas medicinais utilizadas pela comunidade de Inhamã, Pernambuco, Nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 16, n. 1, 2014p. 721-730.

ROQUE, A. A.; LOIOLA, M.I.B. Uso e diversidade de plantas medicinais da Caatinga na comunidade rural de Laginhas, município de Caicó, Rio Grande do Norte (Nordeste do Brasil). **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 12, n.1, 2009 p. 31-42.

ROSA, C.; CÂMARA, S.G.; BÉRIA, J.U. Representações e intenção de uso da fitoterapia na atenção básica à saúde. *Cienc. Saúde Coletiva*, v.16, n.1, p.311-318, 2011.

ROSSATO, S.C.; LEITÃO-FILHO, H.F.; BEGOSSI, A. Ethnobotany of caiçaras of the Atlantic Forest Coast (Brazil). *Economic Botany* v.53, n.4, 199, p. 387-395.

SANTOS, A., ARAÚJO, M., SOUSA, R., LEMOS, J. Plantas medicinais conhecidas na zona urbana de Cajueiro da Praia, Piauí, Nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v.18, n. 2, 2016, p.442-450.

SANTOS, E. B. et al. Estudo etnobotânico de plantas medicinais para problemas bucais no município de João Pessoa, Brasil. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 19, n. 1B, p. 321-324, 2009.

SANTOS, R. S., MOTA, L. H. S., MARQUES, B. C., REIS, L. B., SILVA, C. F., LIMA, D. A. C., AMOR, A. L. M. Uso regular de plantas medicinais para fins terapêuticos em famílias residentes na zona rural de Santo Antônio de Jesus–Bahia–Brasil. **Journal of Health & Biological Sciences**, v.5, n.4, 2017, 364-370.

SANTOS-LIMA, T. M.; SANTOS, D. R.; SOUZA, R. M., BASTOS, N. G.; SANTOS, M. A. V. D.; NUNES, E. S.; LIMA, A. G. D. Plantas medicinais com ação antiparasitária: conhecimento tradicional na etnia Kantaruré, aldeia Baixa das Pedras, Bahia, Brasil. **Rev. Bras. Pl. Med.**, Campinas, v18, n1, supl. I, 2016, p.240-247.

SCHULTES, R. E. Índícios da riqueza etnofarmacológica do noroeste da Amazônia. **Acta Amazônica**, n.9, v.1, 1979, p.209-215.

SILVA MIGUEIS, Graciela et al. Plants used by the rural community of Bananal, Mato Grosso, Brazil: Aspects of popular knowledge. **PloS one**, v. 14, n. 1, p. e0210488, 2019.

SILVA, A. S. S. **Etnoconhecimento sobre plantas medicinais e inter-relações com o meio ambiente na comunidade do Catu, Canguaretama (RN, Brasil)**. (Dissertação de Mestrado) Natal: Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente-PRODEMA/UFRN, 2018.81p.

SILVA, A.C, ALBUQUERQUE, U.P. Woody medicinal plants of the caatinga in the state of Pernambuco (Northeast Brazil). **Acta Bot. Bras.** v.19, 2005, p. 17-26.

SILVA, S.; SOUZA, R. S.; BELARMINO, K.J.A.; FERREIRA, E. C.; ALVES, C. A. B.; LUCENA, R. F. P.; BONIFÁCIO, K. M. Etnobotânica de plantas medicinais na comunidade rural da palmeira no município de Cuitegi - PB. In: LUCENA, R. F. P.; LUCENA, C. M., CARVALHO, T. K. N.; FERREIRA, E.C. organizadores. **Plantas e animais medicinais da Paraíba: um olhar da etnobiologia e etnoecologia** [recurso eletrônico] / - Cabedelo, PB: Editora IESP, 2018. 280 p.

SILVA, S; ANSELMO, MARIA DA GLÓRIA VIEIRA, DANTAS, W.M., ROSA, J. H.; NUNES, E. N., SOARES, J. P., ALVES, C. A. B. Conhecimento e uso de plantas medicinais em uma comunidade rural no município de Cuitegi, Paraíba, Nordeste, Brasil. **Gaia Scientia**. v.8, n. 1. 2014, p.248-265.

STEENBOCK, W. Etnobotânica, conservação e desenvolvimento local: uma conexão necessária em políticas do público. In: KUBO, R.R.; BASSI, J.B.; SOUZA, G.C.; ALENCAR, N.L.; MEDEIROS, P.M.; ALBUQUERQUE, U.P. **Atualidade em Etnobiologia e Etnoecologia**. Nupeea/Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2006. 200p.

STOFFLE, Richard W. et al. Calculating the cultural significance of American Indian plants: Paiute and Shoshone ethnobotany at Yucca Mountain, Nevada. **American Anthropologist**, v. 92, n. 2, p. 416-432, 1990.

TABARELLI, M.; SANTOS, A. M. M. Uma Breve Descrição Sobre a História Natural dos Brejos Nordestinos. In: PORTO, Kátia C. et al. **Brejos de altitude em Pernambuco e Paraíba: História natural, ecologia e conservação**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004. cap. 2, p. 17-24.

TRIBESS, Bianca et al. Ethnobotanical study of plants used for therapeutic purposes in the Atlantic Forest region, Southern Brazil. **Journal of ethnopharmacology**, v. 164, p. 136-146, 2015.

TURNER, J. C. Comments on Doise's individual and social identities in intergroup relations. **European Journal of Social Psychology**, v. 18, n. 2, p. 113-116, 1988.

VÁSQUEZ, S.P.F., MENDONÇA, M. S. NODA, S. N. Etnobotânica de plantas medicinais em comunidades ribeirinhas do Município de Manacapuru, Amazonas, Brasil. **Acta Amazônica**, v. 44, n. 4, 2014, p. 457 -472.

VARELLA, Marcelo Dias. Biodiversidade: o Brasil e o quadro internacional. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 40, n. 1, p. 123-141, 1997.

WICKENS, G. E. Economic Botany - Principles and Practices. **Kluwer Academic Press. Dordrecht (Nederland)**, 2001.

YOUNG, K. J. **Ethnobotany**. (The green world), 2006, p121.

ZENT, S. Behavioral orientations toward ethnobotanical quantification. In: Alexiades, M. Ed. Selected guidelines for ethnobotanical research: **a field manual**. 1996, p 199-239

ANEXO

Anexo A- Formulário Etnobotânico

1. Identificação

Local: _____

Data/Hora: _____

Identificação: _____

Nº Gravação (se houver): _____

Nome completo: _____

Idade: _____ Apelido: _____ Tempo de Residência no

Local: _____

2. Socioeconômico

Renda Familiar: _____ Renda Pessoal: _____

Ocupação(ões): _____

Grau de Escolaridade:

Analfabeto [] | Semi-analfabeto: Apenas escreve o nome [] apenas lê [] lê e escreve com dificuldade []

Fundamental: [] Incompleto (_____) [] Completo

Médio: [] Incompleto (_____) [] Completo

Superior: [] Incompleto (_____) [] Completo

Habitação: Própria [] Alugada [] Outra situação []

3. Questões Gerais:

1. Sobre a flora local.

1.1 Quais plantas ocorrem aqui?

1.2 Quais usos são atribuídos a cada uma?

1.3 Você utiliza essas plantas? Quais?

1.4 Qual dessas plantas prefere utilizar das citadas?

1.5 Onde é coletada e se cultiva?

1.6 Onde é cultivada?

1.7 Quais servem para fins medicinais e todos os seus detalhes (pessoas)?

- Qual parte utilizada?

- Modo de Preparo?

- Contra indicação?

- Tratar qual tipo de doença?

1.8 Você aprendeu com quem esse conhecimento? Ensina a alguém?

1.9 Esse uso da planta você pratica atualmente ou apenas conhece e sabe de seu Potencial utilitário (pergunta para todas as categorias)?

2.0 Você pode informar se na comunidade existe um grande especialista em plantas?

2.1 O senhor (a) prefere usar o remédio de farmácia ou caseiro?

2.2 Qual a atuação dos agentes de saúde?

2.3 Quando senhor (a) tá doente procura um especialista local

Anexo B- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título da pesquisa: **ESTUDO ETNOBOTÂNICO E DIVERSIDADE DE USOS DE PLANTAS MEDICINAIS EM COMUNIDADES RURAIS NO BREJO PARAIBANO, NORDESTE DO BRASIL**

Orientação: Prof. Dr. Carlos Antonio Belarmino Alves

Prezado (a) Senhor (a)

A pesquisa que senhor (a) está preste a participar é um estudo para a elaboração de um trabalho de conclusão de curso que será apresentado para instituição de ensino superior da Universidade Estadual da Paraíba -UEPB Campus III, Guarabira-PB, do curso de Licenciatura Plena em Geografia. O estudo não visa nenhum benefício econômico para os pesquisadores ou qualquer outra pessoa da instituição. Com o objetivo de levantar os usos das plantas medicinais utilizadas pelos moradores da comunidade de Ouricuri e Poço Escuro, Pilões-PB, (Paraíba, Nordeste do Brasil). O estudo emprega técnicas de entrevistas e conversas informais, sem causar danos ou prejuízos as participantes. Caso a Senhor (a), concorde em tornar-se parte dessa pesquisa, serão convidadas a participar das entrevistas e ajudar os pesquisadores a coletar as plantas e mostrar, como as usam no seu dia a dia. Todos os dados coletados de sua colaboração serão organizados de maneira a proteger a sua identidade. O estudo não relacionará seu nome às informações obtidas. A senhor (a), tem total liberdade para se retirar da pesquisa a qualquer momento. Caso deseje participar, assine, por favor, seu nome abaixo, indicando que leu e compreendeu a natureza do estudo e que todos os seus questionamentos foram respondidos.

Nome

Endereço

Assinatura do Participante (a)

Assinatura do pesquisador: _____